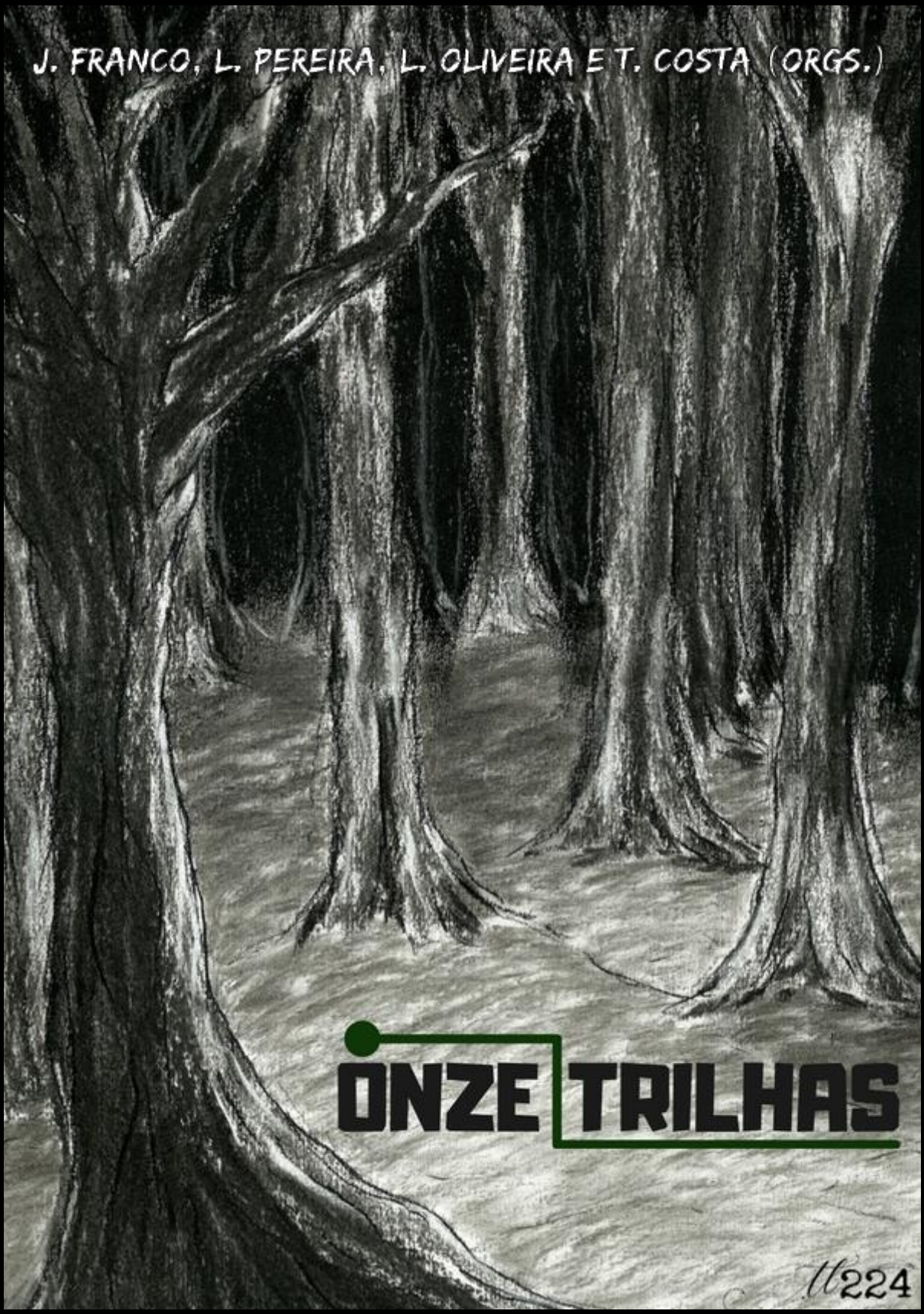
J. FRANCO, L. PEREIRA, L. OLIVEIRA E T. COSTA (ORGS.)



ONZE TRILHAS

11224

JULIA FRANCO | LAÍS PEREIRA | LEONARDO OLIVEIRA | TALITA COSTA
(ORGANIZAÇÃO)

ONZE TRILHAS

ILUSTRAÇÕES:
LARISSA DOS ANJOS

224

Copyright © 2018 Julia Franco, Laís Souza Toledo Pereira, Leonardo Barbosa de Oliveira, Talita de Almeida Costa (orgs.)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título | Onze trilhas

Autores | Andressa C. Fernandes, Diogo R. A. Facini, Flávia C. Tomaz, Giovanni Luccas S. Monteiro, Laisa R. do Couto, Lucas V. de Toledo, Rafael Vergílio, Rayssa Deps Bolelli, Rita de Cássia F. Soffiatti, Tarso Zagato, Victor Santos

Organização, preparação e revisão | Julia Franco, Laís Souza Toledo Pereira, Leonardo Barbosa de Oliveira, Talita de Almeida Costa

Capa e ilustrações | Larissa dos Anjos

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL – Unicamp
CRB 8/8624

On9 Onze trilhas / Julia Franco... [et al.] (organização) ; ilustrações: Larissa dos Anjos – Campinas, SP : UNICAMP /IEL/Setor de Publicações, 2018.
104 p. : il.

ISBN: 978-85-62641-18-3

1. Contos brasileiros - Coletânea. I. Franco, Julia. II. Anjos, Larissa dos.

CDD: B869.3508

Todos os direitos desta edição reservados à
TL 224 Publicações, selo do Setor de Publicações do IEL
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, Campinas - SP - Brasil
CEP 13083-859 | Telefone: (19) 3521-1528
facebook.com/tl224publicacoes/

Sumário

Prefácio 7

A MINHA PRIMEIRA VEZ 15
Andressa Fernandes

O APAIXONADO 19
Diogo Rossi Ambiel Facini

NO LUGAR CERTO, NA HORA ERRADA 29
Flávia C. Tomaz

O REFLEXO NOS TALHERES 35
Lucas V. de Toledo

O SEGREDO DO BICHO 41
Rayssa Deps Bolelli

O MITO DA CAVERNA MODERNA 45
Rafael Vergílio

COMEÇO DE TEMPORADA 63
Rita Soffiatti

O MASSACRE DOS ZANGÕES 71
Laisa R. do Couto

VIAGEM INSÓLITA 77
Tarso Zagato

SUAVIUM 83
Victor Santos

REFLEXÕES SEM VIDA 89
Giovanni Saluotto

Autores e ilustradora 93
Sobre a TL224 101

Prefácio

As contas de vidro e seus jogos
(ou como os contos moldam nosso universo)

No princípio, antes do verbo, da linguagem, o universo provavelmente era uma totalidade compacta, indistinta. Partículas que trocavam a energia de suas valências sem consequências, flocos de neve que se dissolviam e voltavam a ser o que eram sem que isso fizesse qualquer sentido, auroras que se sucediam sem um encadeamento que as dotasse desse brilho poético, hoje, talvez, ultrapassado. A linguagem possibilitou nomear tudo isso, e os processos que estavam nos interstícios desses fenômenos, desses nomes, mas ainda era insuficiente; provavelmente, um desdobramento essencial apareceu junto, em paralelo com a linguagem, um fazer muito próprio que possui sua própria história – embora essa história seja tão próxima daquela da linguagem, que sequer teve tempo para um breve intervalo (interlúdio?) que permitisse à linguagem sonhar em ser a coisa que designa, em cruzar o fluxo daquilo que denominamos realidade mas que é uma breve totalidade instável que nos cerca. E esse desdobramento, que na verdade possui uma essência única e própria, é a *narrativa*, a vontade de contar histórias, logo um conhecimento específico, dominado por uma casta dos primeiros seres conscientes para seu benefício próprio,

mas que acabava resultando em um benefício coletivo mesmo que esse grupo de privilegiados não quisesse. Pois a narrativa, desde esse momento crucial de sua instauração, se espalha, como um vírus, uma epidemia. Ao entrarmos em contato com qualquer forma de contar histórias, um redimensionamento das dimensões de nosso universo acontece automaticamente; pois a possibilidade de reconstruir, criar do zero todo um universo referencial paralelo ao já conhecido constitui um poder tremendo, que exige uma habilidade considerável e cujo desafio – suave, pacífico – funciona como um vício frenético.

Contudo, ao afirmarmos que as narrativas são esse poderoso narcótico, cujo efeito central é o inverso do entorpecimento químico – uma vez que a construção do universo narrativo não é um processo alucinatório, exterior, mas um procedimento sistemático, que parte de um intrincado relançar entre paisagem interna e externa tanto do contador de histórias, que cria a narrativa propriamente dita quanto de seu ouvinte/leitor, que a atualiza, que a faz existir novamente –, nos movemos apenas por entre afirmações categóricas e definições muito diretas. É preciso elaborar melhor essas ideias, perceber como a produção de ficção é muito mais presente em nosso cotidiano do que o imaginado, transformando-se em uma necessidade vital, a pulsão de ficção, como diria a grande pesquisadora Suzi Frankl Sperber. Pois cada uma de nossas ações, mesmo as mais simples, parece exigir contínuas formulações narrativas – da descrição de nosso dia de trabalho a um ente querido à consulta das notícias diárias, elaboradas por outros e reformuladas em nossa mente, seguindo as tendências de

trama que consideramos as mais adequadas. Todos esses desdobramentos, em termos da nossa ontogenia cotidiana, não deixam de se espelhar na filogenia, nos termos mais gerais da história humana. Pois um ponto importante, nesse sentido, é que as histórias não seguem nenhum tipo de regra, não primam pela estabilidade, não são repetições ritualísticas, mais ou menos programadas, de ações e eventos supostamente localizados no passado. Houve um longo processo de transformação das narrativas – histórias que persistiram com novas funções/interpretações, velhas histórias que não foram esquecidas, mas se transformaram em novas, histórias que surgiram de novas dúvidas e obsessões. Acompanhando toda essa flutuação do conteúdo, essas elaboradas articulações, mudanças formais significativas aconteceram igualmente. Mudanças, é preciso destacar, não *evoluções*, obviamente – a forma da narrativa tende ao círculo, não às linhas retas, ascendentes, de qualquer positivismo. Assim, se as primeiras narrativas foram jogos internos que nossos ancestrais empregaram para controlar sua própria ansiedade diante de um mundo imenso e desconhecido (seguindo as intuições de Suzy Sperber e de Freud), posteriormente ganharam outra forma, a de panegíricos (exaltando os resultados das caças e das guerras) e descrições de estados visionários, adequados para as experiências religiosas de ontem e de hoje. Mas logo as comunidades humanas cresceram, tornando inviável a forma empregada até então para difundir histórias – de forma oral, para uma audiência eventualmente ávida. Por outro lado, com o crescimento do comércio e o contato

com outros povos, novas formas de registro surgiram e logo as histórias migraram de sua forma intangível, relacionada à fala, para um novo universo, da escrita. Nesse novo mundo abstrato, de regras imanentes, as histórias ganharam todo um rico universo de formulações – não que já não fosse assim quando os limites eram aqueles da oralidade, mas a verdade é que escrita possibilita todo um amplo espectro de novas possibilidades. E uma dessas possibilidades é breve, intensa, feroz: o conto.

O conto é um desses acasos felizes entre a necessidade de difusão e o rigor formal, entre as necessidades da indústria e as altitudes criativas. Pois o conto é breve – seu análogo mais próximo talvez seja a fotografia, seu arquétipo, o retrato ou aquilo que os ingleses denominam *Still Life* (conceito traduzido para o nosso idioma de forma bem mais dramática como *natureza morta*). Trata-se menos de um amplo *panorama* sinfônico (a promessa da amplitude do romance) e muito mais de uma estreita *janela* que permite o vislumbre breve de um fenômeno único. Assim, seria possível dizer que, nos contos, há uma troca: a fluidez pela intensidade, a profundidade (que permite a construção de tipos humanos mais críveis) pela surpresa, o prazer de visitar um amplo mundo estruturado pelo deleite em descobrir as *passagens* secretas para um mundo desconhecido, escondido atrás das frestas inocentes de nosso cotidiano. Talvez haja mais uma analogia possível, uma de cunho religioso (analogias desse tipo são úteis para denotar a importância do análogo) – o romance corresponde ao árduo trajeto do peregrino, que percorre densas e

compactas páginas em busca da verdade, algo usual entre os cristãos, por exemplo; o conto está próximo da iluminação postulada pelo budismo, a compreensão súbita, o despertar surgido de uma dimensão inesperada.

E assim, temos a presente antologia de contos. Trata-se de um formato próximo da perfeição, ao menos para o leitor e para o editor/organizador do material; pois, de fato, raros são os prazeres (ao menos, dentro dos ditos prazeres intelectuais) semelhantes à realização da coleta de contos para uma antologia. Tal fato é fácil de se verificar através de um exemplo insuspeito: Jorge Luis Borges, o grande escritor argentino, criou uma série de livros antológica, como uma coletânea de coletâneas, chamada "La biblioteca de Babel". Acredito que esse fato se deva ao estranho prazer que temos com a incompletude, com o sentido episódico; esse é o deleite que temos em um museu (contemplar uma fração da arte produzida pelo mundo, concentrada naquele local) e em uma biblioteca (contemplar uma quantidade imensa e passiva de livros, a maioria dos quais não leremos) ou mesmo em um zoológico (ter diante de si um fragmento animal da criação, contido e domesticado para nossa fruição melancólica). Os contos, nas melhores antologias, surgem assim como uma estranha galeria ou, ainda, uma insólita *parada* em alguma cidade perdida, uma parada circense de elementos disparatados mas unidos por uma estranha, espectral harmonia, algo ainda na esfera do possível, embora inacreditável.

Existe, pois diversidade de *atrações* ainda que a forma geral, e a extensão do material, sugira uniformidade. Pois esta antologia, *Onze trilhas*, organizada por Julia Franco, Laís Pereira, Leonardo Oliveira e Talita Costa, apresenta essa característica central – trata-se de uma *parada* de atrações diversas, diferentes entre si (no que tange à linguagem, proposta, eixo central e experiência narrativa), mas que acabam por construir um painel complexo, aberto à interpretação de cada leitor. Trata-se, portanto, de um experimento voltado à descoberta da amplitude de expressão dentro de uma forma aparentemente tão limitada. E uma rara, prazerosa descoberta para o leitor, sempre em busca de algum tipo de renovação.

Alcebíades Diniz

A minha primeira vez

Andressa Fernandes

Para mim, nem tudo acontece pela primeira vez. Algumas pessoas morrerão sem ter visto o mar, a neve ou a si mesmas no espelho. Algumas nunca comerão um pedaço de chocolate, nunca viajarão de avião, nunca lerão um bom livro…

Lá estava eu no escuro, numa madrugada insuportavelmente fria, implorando para que ela viesse. Enquanto ela não chegava, concluí que não concordo com o senso comum que afirma que tudo tem uma primeira vez.

Sempre haverá algo que não faremos. Sempre haverá uma primeira vez que só aconteceu em nossa imaginação. Sempre haverá a desigualdade para nos lembrar que, enquanto algumas pessoas dominam o mundo, outras morrem sem conhecê-lo.

O tempo foi passando, as horas se foram, o dia amanheceu e ela não veio. Onde eu errei? Será que a assustei? Será que nossos sentimentos não eram recíprocos?

Havia tantas dúvidas e tão poucas respostas...

Quando já nem pensava mais nisso e a dor de sua ausência pouco me afligia, ela bateu em minha porta, mas dessa vez numa

tarde quente de domingo. Depois de tanto tempo, não queria ser seduzido, mas é impossível agir com orgulho e resistência perante tamanha beleza.

Quando a vi, só sabia dizer: "Entre, minha doce Inspiração! Apodere-se de mim como ninguém jamais o fez!". Depois disso, nos embolamos e nos alimentamos um do outro, já não éramos dois, mas um só. Simplesmente aconteceu pela primeira vez.

Ela me empurrava com força para todo canto do quarto, enquanto minha essência transbordava em palavras e suspiros. As paredes não eram mais limites, não havia mais dúvida de que ela despertava o melhor de mim.

Apaixonei-me perdidamente pela sua cor, cheiro, gosto e toque, como se antes de senti-los não pudesse admitir a minha própria existência. Mas confesso que não sabia o que fazer naquela hora. Estava preocupado com o tamanho, com a qualidade, com o que falar! E se eu errasse? Nós teríamos que parar no meio? E se eu nunca conseguisse terminar? E se ela nunca mais voltasse? E se a minha inexperiência estragasse tudo? Logo ela, tão maravilhosa, que por onde passa deixa o mundo mais surpreendente e original. Mas e se eu decepcionasse tanto a ela quanto a mim mesmo?

Tivemos tantos desencontros que achei que esse dia nunca chegaria. Porém, chegou, e é claro que não foi como eu imaginei. Não sabia como começar, nem como terminar, mas a minha primeira vez com a Inspiração me trouxe o meu primeiro conto. Tão delicado e

ambíguo, mas charmoso e sensível. Irei guardá-lo por toda a vida, pois, de fato, foi uma vitória construí-lo.

Ela nunca diz quando vai voltar, nem se vai voltar.

Quando eu implorei, logo na primeira vez, para que ela voltasse no dia seguinte, ela me jogou um olhar frio, não me deu resposta e seguiu seu caminho. Então, se você a vir por aí distraída ou se ela for até você, por favor, avise que estou esperando também. Diga a ela que não suporto meus dias cinzas, que não posso viver sem escrever, que uma folha em branco durante muito tempo é o meu maior martírio. Diga que minha existência depende dela, e que estarei sempre esperando para me entregar por inteiro.

Vivo numa contínua espera, pois ela é a única que me faz cantarolar pelas ruas, faz com que eu me sinta um artista de alma sensível, faz meu choro virar poesia, faz minhas paixões virarem vinho – do qual bebo até esquecer quem eu sou!

Quem eu sou? Não posso afirmar nada, exceto que não sou nada sem ela.

O apaixonado

Diogo Rossi Ambiel Facini

O que se desfez em lágrima e suor não era a sua tristeza, não era a decepção, não era a melancolia... Era outra coisa que caía. Não era um pedaço de si que se perdia, era diferente. Ele não se reduzia ao chorar, mas, ao contrário, crescia. Paradoxalmente, paulatinamente, o pobre moço, do nada, encontrava novas imagens e, de outras, se esquecia. Se transformava, não por uma ideia, que a ideia só depois viria: mas por um sentimento, tão mágico e puro, que era como uma chama invisível, acendendo a sua carne fria. Uma cor nova pintando o seu céu, abrindo o seu dia, ou uma flor brotando em seu peito, rasgando sua pele, furando os seus músculos, mas não lhe causando nenhuma dor, apenas a alegria de se emocionar com o nascimento da flor, e dela chorar... Uma lágrima no ar e um sorriso no rosto – o que até parece oposto está na mais pura harmonia, cada um no seu posto, mas tocando o coração com tanta simpatia que não há espaço para desgosto, nem se antes havia... Se desfez em lágrimas, pluralmente, cada gota o animando, tão contente, que era como se enchessem um pote seu de satisfação, mas ao contrário do pote, as águas se espalhavam no chão... O que se

importava o rapaz disso? Sentia, sentia tanto, que o seu sentimento era já o seu pensamento, e lhe guiava o pranto, todo o seu movimento. Todo coração, toda emoção, brilhando seus olhos de uma maneira que poderiam dizer que eram dois sóis de uma vida inteira... Suas mãos suavam, suavemente, mas ao mesmo tempo, ferozmente, fazendo com que as águas limpassem todo o seu medo antigo e presente, suas angústias, suas decepções, só sendo amigo de novas sensações: que o preenchiam vertiginosamente, vindo ao encontro de seu amor nascente. Nada sabia ainda, o pobre jovem, nesse instante ao mesmo tempo doloroso e delicado e dramático, mas delicioso de se sentir; mas logo saberia tudo o que sentia, o amor em seus olhos, boca, mãos, barriga, rosto, o envolvendo em suas amarras do mais leve algodão, tão macias... O amor como pássaro que escapa da mãe e voa, encontrando abrigo no céu acolhedor e infinito, profundamente aflito, mas convicto de que tudo é possível nessa imensidão de luz e de graça. O jovem caminhava sem paz, possuído por pegajosos princípios de agitação, mas quando ela acalmava ele a queria de volta, essa desordem de ação. Tão suave e tão transtornado... Viajante, torturante, o seu sonho nesse instante era ao menos se entender, saber o porquê do seu sofrer feliz, e, ao descobrir no abismo a luz da causa da paixão, se iluminar tão fortemente, se sentir tão grandemente, que a felicidade seria revelada de sua posição que confunde as verdades e as deixa sufocadas... Talvez pela falta de amor, ou um amor falso, fugidio, vazio. Mas o seu amor era tão imenso, que saltava das veias, saía pelos seus poros, escorria pelos

olhos e pele, e sempre mais se renovava, e mais se espantava. E mais se maravilhava.

Pois, a tal ponto tão tal, que a emoção, ao envolver, fez com que ele também a envolvesse, dando formas com o seu lápis imaginado imaginário, a envolvendo de forma tão intensa que a imagem logo se tornava densa, colorida, cheia de odores e de sabores e com contornos fortes; e a envolvendo de tal forma que ela já ganhara uma expressão e um rosto tão belo como o mais belo que ele poderia conceber, tão alegre como mais alegre poderia haver, sereno, quase tocável; e a envolvendo de tal forma que ela quase lhe pedia "vem para mim" num sussurro de vento em folha, e tinha o seu corpo formado, e como numa dança magnética mudava tudo a sua volta: ela renascia os rios, florescia os campos, implodiria prédios inteiros. Era ela! Era a causa de seus estremeceres, suas lágrimas, suores, pensamentos desordenados; era a causa do seu sentir alterado, destruído, renovado, reerguido: outro estado. E a tal ponto, ponto tão tal, a imagem se formou, que era como se na sua frente estivesse ela, abertamente, disponível, para que ele a amasse de fato, concretamente. Tão linda, tão gigante, e, ao mesmo tempo, tão reconfortante.

Nada sabia dela, nada sabia sobre ela, só sabia: que era ela. Se isso é pouco, ninguém ao certo sabe, mas nas questões do coração, tudo cabe, tudo tem importância, sobretudo o sentir, suas dores e ânsia. E como ele sentia! Nada sabia dela, mas sabia que ela alimentava a sua alma com um mel de uma colmeia de abelhas

selvagens, agressivas, mas em si tão doce e puro que qualquer esforço e luta para obtê-lo é pouco perto do prazer em saboreá-lo. E esse mel o alimentava, o cobria, o revestia, como uma proteção contra os azedumes dos costumes; mas também um chamativo aos invejosos insetos... A viu algumas vezes, e ainda a via, poucas vezes, três, quatro, cinco? Não sabia; talvez todo dia? Mas cada vez que a via, era como se uma nova vida sua começasse, quebrando e eliminando todo o seu disfarce para mostrar a todos e a si o seu verdadeiro eu: uma criança pedindo mel...

Foi num dia: chegava no seu colégio, como sempre havia chegado, descido do ônibus, e ido até as suas portas e andado nos seus corredores... Distraído ia, acostumado já com esses cantos conhecidos de muitos anos, seus passos já decorados, seus olhos treinados a ver só o essencial: o perigo real. Será que ela era um perigo? Ao passar uma moça de sua idade, um pouco mais velha, a bem da verdade, a mesma altura, a mesma postura veloz e acostumada; ele não deixou de olhá-la, e seu olhar foi tão atento que, completo, paralisou o corpo, que lento a observava se deslocar, como brilhava o seu olhar... O dele e o dela: o dele, de apaixonado, o dela, de apaixonante. Beleza de uns segundos... Ela o viu também? Por menos segundos ainda, mas suficientes para uma risada linda pela sua boca enluarada: lua cheia, arredondada. E de ver o ser visto, ele se toma de um abobamento, endurecimento, que se duro já estava, agora virou pedra, muro, imobilizou. E assim ela se foi, com um sorriso flutuando no céu, passarinho cantante, tudo de passarinhal que pode

haver neste mundo. Mas o dia passou, e ele deixou de lado essa imagem, por pouco tempo sentida – de fato, tempo insignificante, irrelevante, festa sem retrato.

Outras vezes vieram, e o vulto da mulher amada se apresentava sempre belo, bondosamente acolhendo seus olhos e os relaxando, bobos... Mas bobos de alegria, o que é muito diferente de um abobamento do dia a dia. Sempre, quando ela passava, sorria, ele travava. Mas o tempo também passava e ele seguia normalmente... Ou assim achava. Não era normal que ele ia: cada instante que acontecia de haver visto a moça amada fazia com que alguma coisa dentro de seu coração crescesse, cada vez mais, como um jequitibá que cresce sem hesitar. E quanto mais essa coisa misteriosa crescia, abrindo caminhos de azul em seus sonhos soturnos, mais ele normal se achava, menos percebia: mergulhado em maravilha invisível. Poesia.

E no seu momento atual, como ele andava?

— Inferno de vida!

Nada bem.

Ou ia bem, sem ele perceber que a lágrima é apenas uma palavra que a boca não soube dizer, um sorriso que se fez além dos olhos. O seu gostar já era reconhecido, apalpado por ele, e já sabia de quem gostava, e como gostava. Mesmo que sua cabeça não tão bem pensasse, com as ideias que restavam ele ligava as linhas de seus sentimentos, de seu passado, os acontecimentos, até costurar a ideia do que sentia, tão repleto, tão completo, que o assustava sem o

assustar, o amedrontava sem o amedrontar. O amor é um vestido com as cores do arco-íris...

Na terceira vez que a viu, veio vindo avoado pelo caminho, sozinho, diria que os olhos olhando para dentro de si. A seguir, ele seguia; até encontrar a moça cuja imagem o perseguia, inicialmente levemente. De repente, ao ele caminhar, ao ela caminhar: se encontrar: os dois pararam. E admiraram um ao outro, como duas estrelas, uma refletindo à outra sua beleza, e da outra recebendo a beleza refletida, numa bela troca, comunicação, em que as duas se juntavam por fim numa só beleza, numa só forma, forma sem norma, de se ser, sem regras ou prescrições: apenas as emoções existindo entre os dois, a duras penas, talvez, mas com efeitos inimagináveis, dos muitos jeitos de se amar.

Gostaria ela dele? Sentiria que ele o mesmo? Seria um sonho somente, ilusão do coração, fantasia a esmo? Pouco tinha certeza, foi tudo tão rápido, fora de uma capacidade de compreensão completa: unicamente umas ideias voando abertas, pegas uns momentos pelas suas mãos, mas escapando tão logo outras apareciam, parecendo mais certas. O local logo se encheu de gente, alunos apressados, que foram levando cada um para o seu lado, se afastando... Triste resultado, se estivesse só imaginando. Ela gostava dele? Suor frio na pele.

Alguns dias mais se passaram, dias intermináveis para seu coração, ares irrespiráveis, sem causa ou razão... Ainda não sabia que a causa era a mesma de suas pausas no corredor, a mesma da paralisia que o envolvia, virando pedra, num estupor. Era sim, tudo por causa

dela, todo o seu sofrimento. Mas, sabidamente, também todo o sentimento que saía de si, num rio de mistério e maravilha...

— Inferno de vida!

Ele repetia!

O que fazer frente a tão ferozes forças?

Sua alma era um misto de confusão, tormento e calmaria. Mais para a confusão ele ia.

Não tinha experiência com os fatos do coração. Basicamente, ele era somente o órgão que bombeia o sangue para o seu corpo dependente, nada além. Para o mal, ou para o bem – para o bem, sem dúvida –, ele havia aprendido que a ideia do coração bombeador era verdadeira... Mas muito mais havia. E o que ocorria necessitava de alguma resolução, para que ao menos acabasse a mistura de sentimentos: ou uma decepção, ou um completo contentamento.

Sua timidez era grande obstáculo. Com seus tentáculos, agarrava o seu corpo, fechava a sua boca, travava seus pés, a louca, o hipnotizava com palavras sussurrantes, paralisantes, o deixava sem fé, nem passos para adiante. Devorava os seus impulsos, controlava seus pulsos, muro que em instantes o dominava, deixando-o só, vazia palavra...

Depois de tanta luta de si contra si mesmo, seguramente ele se cansaria. Derrotado pelo cansaço, pouco resistiu. Com o coração em pedaços. Relaxou os braços. Dormiu.

Outro dia.

De insensatez.

Mais um.

E mais um.

Mais um mês.

E nenhum.

Não havia vez.

Não havia?

Claro que havia. Mas dentro de sua cabeça ele não conseguia acender a faísca que acenderia a vela que acenderia a fogueira que acenderia a casa inteira de sua ação. O sentimento há tempos estava lá, escondido, mas sempre presente, sentido em cada vão momento, deixando-o quente no frio, iluminado nas trevas, abençoado pelo deus do amor, em todos os passos seus, amando aonde for.

— Inferno de vida!

O que se desfez em lágrima e suor não era a sua tristeza, não era a decepção, não era a melancolia... Era outra coisa que caía. Era algo mais, sim... Era raiva que ele agora sentia! Raiva de si, raiva de suas tormentas, raiva escapando pelas ventas, como o fogo de um dragão, raiva queimando o seu coração, raiva o incendiando, raiva explodindo sua emoção, raiva gritando, raiva como ele ainda nunca sentira, raiva que também é ira, raiva pequena e gigante juntamente, pequena na aparência, grande pra quem sente, raiva pedindo ácido para refrescar e cuspindo ácido no ar, raiva rasgando horrível a sua responsabilidade: raiva de verdade. A raiva o arrastava, e ele rindo, já bem confiante... Contra as dúvidas, contra o seu desespero, em direção ao desconhecido, seu sentimento o guiando, um real sonho

sonhando, com apenas sua voz para se expressar, dizer tudo o que sentia e prometer novos sentimentos, novos prazeres, se refrescando com os ventos de novos futuros, futuros inesperados, imaturos talvez, mas a imaturidade se constrói, precisaria sentir, o amor que dói mas que também brilha e rebrilha, o transforma sendo transformado, cria novas trilhas, sendo trilhado. Seu amor era ainda uma rosa despontando, dando suas primeiras marcas de existência, mas havia ainda espaço para um inteiro roseiral, roseiral cultivado dia a dia por ele e a amada, com a energia sempre renovada por suas mãos unidas e as bocas coladas, como uma só boca, boca de todas as bocas, boca universal, repetindo sempre as mesmas palavras, nunca esquecidas: "Amem-se! Amem-se até o ódio se tornar apenas uma recordação vazia do passado, e o futuro, uma lágrima refletindo as cores do presente!". Palavras potentes como toda uma vida. E ao andar, observando o céu, mais azul do que o azul, na sua imensidão esperançosa, o encantando até a emoção escapar-lhe pelos olhos, lacrimosa, sente que o seu sentimento ainda era pequeno perto de todo o novo espaço aberto pelo seu amor. Cabia todo o mundo no seu interior, toda a fé e toda a realização, toda realidade e toda imaginação, tudo o que pulsasse e respirasse e significasse, em sua constituição. Cabia um pedacinho da felicidade, se não completa, total, uma vivida ao máximo possível em seu instante mais real. Natural. Incrível.

No lugar certo, na hora errada

Flávia C. Tomaz

— De quem você acha que foi a culpa? — Ela perguntou.

— Culpa? — Eu perguntei confusa.

— É, culpa de não ter dado certo.

Lá estávamos nós duas, conversando em uma mesa de bar um ano depois de termos terminado. Duas ex-namoradas que não se viam há muito tempo tentando ser amigas de novo.

Quando eu cheguei e a vi, depois de tanto tempo, mal pude acreditar em quão linda ela estava. Os cabelos estavam mais compridos, as sardas em seu rosto mais acesas e se espalhando pelos ombros, os olhos verdes perdidos, procurando por algo na multidão. Ela estava muito mais linda do que me lembrava. E esse era o problema das lembranças: elas nunca faziam jus à realidade. Mas, agora que estava vendo-a novamente, podia sentir meu estômago se agitando.

Minhas pernas tremeram ao me aproximar. Ela estava diferente, mais confiante, talvez; e, por um momento, me senti intimidada diante dela, como se fosse uma menininha insegura. Cheguei a cogitar dar meia volta e desistir de tudo aquilo, afinal, qual

era o propósito? O que mais tínhamos para dizer uma para outra? Mas comemorei ao perceber que aquela pontada no peito que sentia toda vez que pensava nela não estava mais ali e segui em frente.

— Por muito tempo, eu te culpei. — Confessei. — Mas como eu podia continuar te culpando por você querer se encontrar? Então, eu parei de culpar alguém. Eu também não fui perfeita. Acho que nós duas falhamos em muitos momentos, mas, no final, tudo aconteceu como tinha que acontecer.

Ela apenas assentiu e ficou em silêncio. Parecia surpresa com a minha resposta, mas, também, aliviada. Eu também estava surpresa por ter conseguido verbalizar isso. Eu sabia que ela se sentiu culpada por muito tempo, que se sentiu a vilã da história. Mas isso não importava mais.

— Depois de te culpar, eu acabei me culpando também. — Continuei.

— Não! — Seu rosto tinha uma expressão de súplica, quase de desespero. — Isso não. Você é a que menos tem culpa nessa história toda.

— Eu sei disso, mas não pude evitar. Você sabe muito bem que meu histórico de relacionamentos não é dos melhores.

— Eu sei. E desculpa por ter feito você se sentir como se sentiu.

— Não precisa se desculpar. Acho que foi até bom. — Eu ri um pouco sem humor.

— Bom foi o nosso namoro. — Ela se pegou dizendo.

— Foi. — Concordei com um suspiro.

— Qual é a sua melhor lembrança?

Eu fingi pensar por um momento, mas a verdade é que eu não queria falar. Era uma coisa que eu queria guardar só para mim. Tinha medo de falar e deixar de ser especial, de ela pensar que eu era uma boba ou qualquer coisa assim.

Respirei fundo e respondi:

— Seus olhos brilhando depois que concordei em namorar você. Eu estava morrendo de medo de dizer sim, porque você era minha melhor amiga e eu não queria que nada mudasse entre nós duas. E porque, vamos confessar, eu sou a maior medrosa do mundo. Mas quando vi seus olhos brilhando, soube que tinha que ser você, que iríamos dar um jeito de fazer dar certo, que você me faria muito feliz. E fez. Você me fez ser mais corajosa também. — Quando comecei a falar, as palavras começaram a sair muito rápido de minha boca e não tive tempo de reprimi-las ou de medir o que devia falar. — E a sua?

— Quando você foi para a casa do meu irmão comigo pela primeira vez, antes de começarmos a namorar, e ficamos conversando a noite inteira enquanto ele dormia. Éramos só nós duas e ficamos acordadas até amanhecer conversando sobre tudo e sobre nada. Acho que foi quando percebi que realmente gostava de você e que nós podíamos ser um casal de verdade. Eu queria poder ficar abraçada com você daquele jeito para sempre. — Ela sorriu. Aquele sorriso. De rosto inteiro. Seu sorriso era tão aberto que até seus olhos se fechavam. Como eu sentia falta daquele sorriso!

Aquele dia estava bem vívido em minha memória e eu sorri com ela ao me lembrar dele. Foi a primeira vez que tocamos no assunto "namoro" como algo que podia acontecer de verdade.

Nós duas ficamos em silêncio por um momento, absorvendo todas aquelas informações e absortas em nossas lembranças. Como o assunto tinha chegado até ali? Nós duas relembrando um passado que não voltaria.

— Você se arrepende de alguma coisa? — Perguntei depois de um tempo.

— De ter deixado você ir tão fácil — ela respondeu sem hesitar. — Sei que fui eu quem pediu por isso e isso é o que mais me mata.

Eu não esperava aquela resposta e meu coração deu um pulo dentro do meu peito. Algo dentro de mim reacendeu e eu não sabia o que pensar ou o que sentir.

— E você? Algum arrependimento? — Ela perguntou.

— Não. — Dei de ombros. — Mas se você já sabia que estava confusa desde o começo, por que insistiu em querer namorar comigo? Por que não esperou mais um pouco?

— Essa é a única pergunta para a qual eu não tenho uma resposta. Acho que de algum jeito eu só tinha a certeza de que te amava e queria ficar com você, mas percebi tarde demais que só isso não era o suficiente. Não sei. Não sei o que te responder.

Eu assenti e respirei fundo em silêncio, sem saber o que responder. Essa pergunta me atormentou por muito tempo. De certo modo, ainda atormentava, mas se nem ela podia respondê-la, então

talvez o melhor fosse esquecer aquele assunto e deixar tudo como estava. Nem todas as perguntas tinham respostas. Por mais que isso me matasse um pouco.

— Você acha que poderíamos voltar? — Ela perguntou.

A pergunta temida.

Pelo rumo que a conversa estava tomando, eu sentia que ela viria em algum momento, mas não sabia se tinha uma resposta para ela. Não sabia se queria respondê-la.

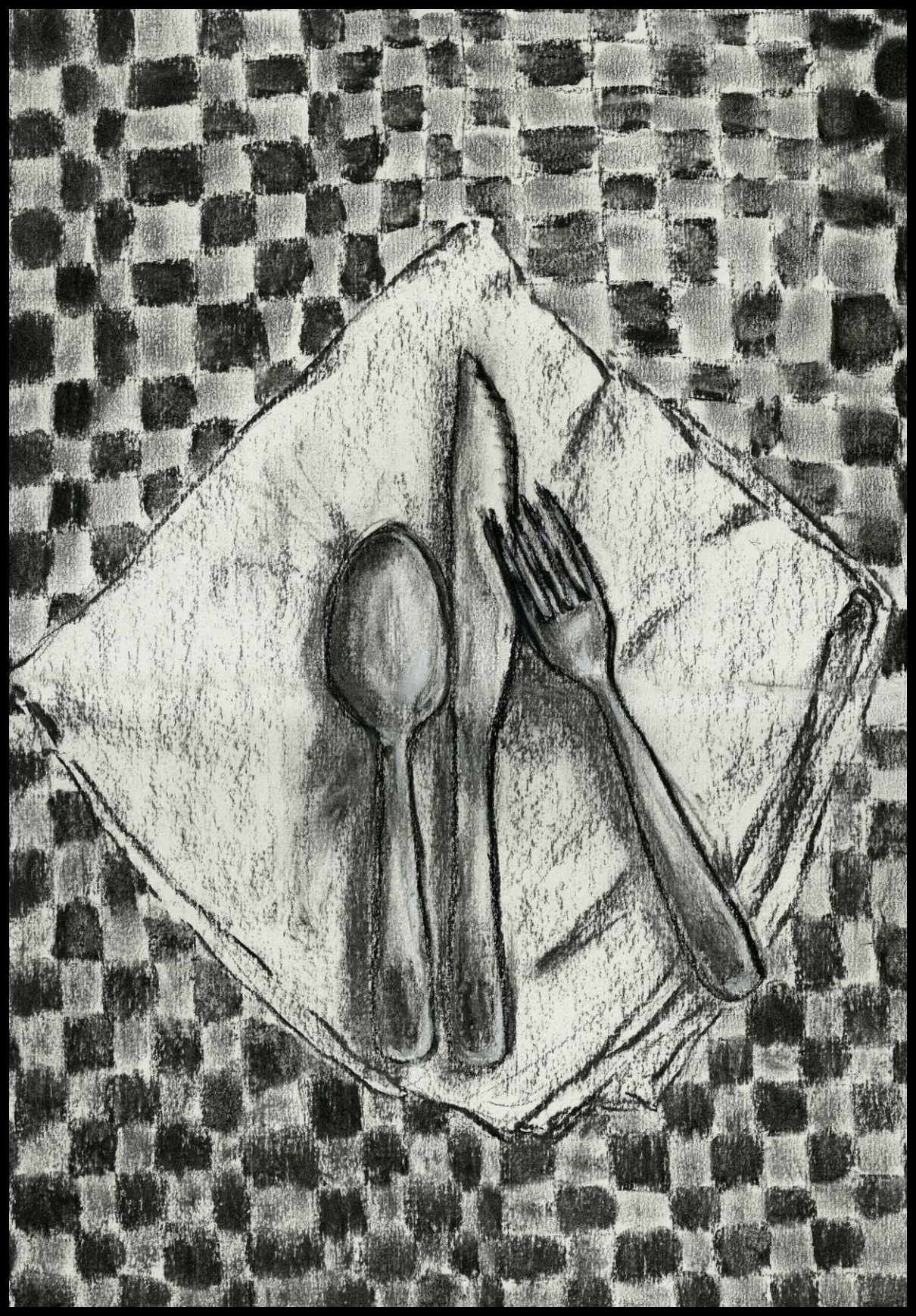
— Eu gosto de achar que sim. Mas não tenho mais certeza. Somos pessoas diferentes de quem éramos e não sei se ainda somos compatíveis, se temos química. Eu nem te conheço mais. E mesmo que ainda sejamos compatíveis, não sei se o timing vai ser o certo. Nós nunca estivemos no lugar certo na hora certa.

Eu podia ver nos olhos dela que aquela resposta a machucava de alguma forma, assim como me machucava, mas também podia ver que ela concordava com cada palavra.

Era claro que nenhuma das duas queria perder as esperanças, que as duas torciam para que déssemos certo. Ainda havia muitas cicatrizes abertas, muitos machucados tentando se curar, mas aquela noite estava me mostrando que nem tudo estava perdido.

Talvez um dia estivéssemos no lugar certo na hora certa.

Eu precisava acreditar nisso, precisava ter alguma esperança à qual me agarrar para seguir em frente.



O reflexo nos talheres

Lucas V. de Toledo

Será uma vez...
Ou duas...
Talvez três...

Quanto àquele rapaz, a garota meneava a opinião; quanto à libido, não.

Os ponteiros, agudos, cruzavam-se e descruzavam-se no relógio do fundo da sala, pra cima, pra baixo, pros lados. Sentada à mesa, inferia, agonizada, a inércia dos garfos e das facas, distantes do tato pela lentidão dos minutos até sentarem-se nos pratos.

Tic-tac-plim!

— Às montanhas? — A faca perguntou ao garfo.

— Às nuvens! — Ele respondeu.

— O topo as ultrapassa — o prato se intrometeu.

À medida que o sol se acimava, o vestido branco da menina se liquefazia. A grama da beira, antes sob a neve, agora molhada umidificava o ar.

O alpinista tateava o solo com cuidado, desvelando maleabilidade. As rochas do aclive agradeceram o afeto de um modo controverso: transmutaram-se em areia movediça.

Absorvido, o aventureiro penetrou rumo ao cume. Subiu e desceu, várias vezes, até que a finitude do topo atroasse reticente. Neste instante, pôde se ver a neve caindo e recingindo candura.

— Toda arrumada com o vestido branco... Com que vagabundo vai sair, hein? — O pai foi o segundo a sentar-se à mesa.

Serão três vezes...

Ou duas...

Uma só...

Será perigoso!

Quanto à esposa, uma gorda chata; quanto à secretária, quem dera traçá-la!

Todas as curvas da moça, desde o mínimo franzir de testa até o calcanhar, inebriavam-no. Que mulher boa! A pele era mais macia que o próprio macio, o sorriso era covarde, o suor excitante. Descendo do queixo, o pescoço arriava-se em veias grossas, aladas em sexo.

Ombros.

Peitos inefáveis.

Abdômen.

Virilha.

A razão da existência.

Por trás, nádegas dúbias delineavam o limiar entre a sutileza e a impetuosidade. Tudo era sexo. Um sexo tântrico, mortal, daqueles em que um velho morre ao orgasmo. Velho ele

podia se tornar em apenas uma noite que valeria por cem anos de uma existência acorrentada em banhas. Contudo, sua esposa, aquela lenta que estava a demorar com a comida, obstruía seus sonhos.

No relógio do fundo da sala, o ponteiro dos segundos fugia do dos minutos, mas a engrenagem e a circularidade absurdas do relógio sempre os reaproximavam. Ambos até podiam anuir-se em matrimônio se mirassem contra o inimigo maior: as horas.

Demonstrando sua preocupação com que cafajeste mancharia a alvura do vestido da filha, ele sentara-se na cadeira à frente dela a fim de deduzir expressões suspeitas. Enquanto a esposa não trazia o almoço, a faca sonhava com o garfo escondido sob o outro lado do prato.

Onde estaria Vanessa?

Serão duas vezes...

Não, três...

Pensando bem, ela era mulher forte! De uma única vez levaria todas as panelas. Quanto à comida, feita com muito amor; quanto à família, sempre unida! Dedicada à tradição familiar, não percebia as vergastas no relógio do fundo da sala tangendo-lhe as costas.

— Tá louca, é? Assim vai derrubar todo o nosso almoço, mulher!

— Eu dou conta, meu bem.

— O pai não quer me deixar sair, mãe! — A filha esbravejou.

— Se guardar este vestido branco pra mais tarde, pra uma ocasião sólida, e colocar um casaco pra não pegar sereno, o pai até deixa. Não é mesmo, meu bem?

— Posso pensar... Mas só se a mãe dela parar de tagarelar e começar a nos servir logo! Ô, mulher lenta! Desse jeito, vou ter de transferir a Vanessa pra cá; ela sim sabe servir!

Uma lágrima escorregou, sem querer, em uma olheira de dona Maria. Cabisbaixa, empertigou-se desviando os olhos de seu reflexo nos talheres da mesa.

— Perdão, meu bem. Já servirei os dois... Mas, antes, vamos dar as mãos e rezar: "Senhor, abençoe o precioso alimento que coloca na nossa mesa. Que ele nunca nos falte. Porém, principalmente, abençoe a união de nossa família, que nunca nos faltou e nunca nos faltará. Amém!".

O segredo do bicho

Rayssa Deps Bolelli

O bicho estava lá. Parado em seu esplendor, permitiu-se ser visto pela primeira vez em muitos anos. Há tempos sentia sua presença. Na espreita pelos cantos, soltando seu chiado baixo, roçando em minhas costas no escuro antes de dormir. Ele se mantinha por perto sem deixar se revelar. Nos momentos de desilusão, tédio e dúvida, sentia seu chamado, mas não sei se por cegueira própria ou por esquiva do bicho não conseguia enxergá-lo. Na mente me vinha apenas uma memória morna e familiar de pequena, quando o bicho manso comigo brincava, me tirando o desprazer da ignorância infantil.

Agora, nesta sua nova revelação, ele aparecia enorme, corpulento, composto de todas as dores e alegrias humanas, multicolorido. A beleza e a riqueza com que agora se apresentava me doíam os olhos e me faziam sentir indigna de presenciar aquela aparição. Digo indigna, pois não me sentia capaz de dominá-lo. Entretanto, ao mesmo tempo, sabia que a constante presença do bicho me traria a paz e a liberdade de que necessitava. Os bichos com os quais eu estava acostumada eram próximos a este, porém

menos belos e menos cheios de gracejos. Também não eram fáceis de se avistar, mas a sua descoberta e domesticação requeriam técnicas mais práticas, e a cientificidade com que dissecava seus corpos não seria suficiente para entender aquele outro bicho. Por isso, quando apareceu, me senti incapaz. A pequenez de minha racionalidade seria o suficiente para domar toda aquela subjetividade?

Ele ocupava a sala toda, e num rompante se expandiu e ocupou todos os quartos da casa. Não satisfeito, em outro estalo cresceu, e daí ocupou meu corpo, minha mente, meu passado, meu presente e futuro, enfim, minha vida inteira.

Depois de um tempo, ao se contentar com o estágio de sua ocupação, voltou ao tamanho natural, inclinou a cabeça para mim e lambeu minha mão. A saliva era doce e ácida, complexa como a estética do bicho. Foi então que eu, ao sentir aquele líquido grosso e pegajoso, de cheiro ambíguo e que deixava um formigamento na pele, percebi, naquela noite de primavera, que eu é que estava dominada.

O mito da caverna moderna

Rafael Vergílio

A empresa do Sr. Stigueto ficava num lugar longínquo, sem endereço nem destino, perdida no espaço-tempo de um lugar bem específico que ninguém sabia ao certo onde era. Os empregados do Sr. Stigueto eram normais, no real sentido etimológico da palavra, e eram crianças também, não que uma afirmação tivesse (necessariamente) relação com a outra. Crianças normais como quaisquer outras crianças, seguindo a norma específica de como crianças devem ser.

As crianças de Stigueto trabalhavam testando aplicativos de celular que os desenvolvedores da empresa criavam. Eles nunca apareciam na fábrica, não eram vistos nem ouvidos, mas todos sabiam que eram reais. Mandavam os aplicativos pela Nuvem, que as crianças chamavam amorosamente de mãe, e esta os distribuía para as crianças de tal forma que logo que um aplicativo era testado, outro o substituía. A Nuvem também nunca era vista nem ouvida, embora todos a conhecessem muito bem e acreditassem fielmente na sua existência onipresente.

O grande salão da empresa onde as crianças ficavam era organizado da seguinte maneira: grandes corredores sem fim de

carteiras colocadas lado a lado, muito próximas, tão próximas que era difícil definir onde o espaço de uma criança terminava e o de outra começava. Muitas vezes elas pareciam todas uma só, uma grande centopeia com centenas de cabeças trabalhando conjuntamente por um bem maior. Sobre a carteira, à frente das crianças, pairava um celular no ar, muito confortável de se segurar e com uma iluminação tão intensa que penetrava as pupilas a ponto de as contrair tanto, que as tornava incapazes de serem vistas na íris dos olhos. A luz dos celulares era a única luz presente no grande salão e, embora fosse muito intensa sobre os olhos das crianças, não fazia muita diferença na grande escuridão devoradora.

Sobre a cabeça das crianças, em uma sala suspensa sobre imensos pilares que se espalhavam ao redor das fileiras, estava a sala do Sr. Stigueto, que as crianças chamavam temerosamente de pai. O Sr. Stigueto também não era visto nem ouvido, muito menos através da imensa janela de vidro de sua sala, embora as crianças sempre soubessem que ele estava lá, observando-as ou não, isso não interessava. A existência de sua aura, como a existência da Nuvem, ausente onipresente, era estímulo para o trabalho da empresa.

O salão tinha um imenso portão em uma de suas extremidades, embora isso fosse totalmente irrelevante. As crianças não faziam questão de sair. Dormiam sobre a carteira, muitas vezes com o rosto esmagado nas mãos, somente quando estavam tão cansadas que nem a luz intensa do celular era capaz de

as manter acordadas. Elas comiam alguma coisa abstrata que não sabiam exatamente o que era. Sabiam que era proteica, com muitas vitaminas e poucos carboidratos. E era muito bonita! Cada dia com uma forma diferente e sempre multicolorida. O momento da refeição era talvez um dos momentos mais esperados pelas crianças. Não porque elas se alimentavam, não. A alimentação em si também era irrelevante. Mas porque gostavam muito de apreciar a comida, a beleza simplista de suas formas e cores. Geralmente era nesse momento em que mais testavam os aplicativos, embriagadas pelo êxtase daquela visão. Depois, quando sabiam que não aguentariam mais ficar sem se alimentar, fechavam a cara e comiam o mais rápido possível, para logo voltar ao trabalho. Dormindo e comendo, as crianças eram ineficientes, indiferentes, tristes e, mais do que nunca, solitárias.

A rotina da empresa do Sr. Stigueto era muito bem regrada, embora não houvesse relógios no salão, nem máquinas para picarem cartão, nem mesmo uma lista que precisassem assinar. Nada obrigava as crianças a cumprir o horário estipulado de suas tarefas, e mesmo assim ele era seguido fervorosamente. Também não havia supervisores no salão, não havia câmeras, não havia guardas, nada as vigiava. As crianças eram livres para se movimentar pelo salão, livres para fazer ou não fazer as tarefas, livres para comer a hora que quisessem e dormir a hora que quisessem. Até mesmo para sair eram livres, com o imenso portão sem cadeado que se abria com um leve toque. Mesmo assim, elas ficavam em seus lugares, comiam e dormiam no horário estipulado

e nunca sentiam vontade de chegar perto do portão ou sair. A empresa era a vida e o paraíso das crianças, fundada no temor e no amor, na disciplina e na liberdade.

Só havia dois momentos do dia em que as crianças se levantavam de suas mesas, momentos esses muito sincronizados para que o menor tempo possível fosse gasto com tal rotina. O primeiro era quando tinham que pegar sua comida numa grande bandeja no fim do salão, na extremidade oposta ao portão da empresa. A comida aparecia lá, ninguém sabia muito bem como, talvez feita por alguns cozinheiros que nunca eram vistos nem ouvidos, numa hora bem específica que todas as crianças sabiam qual era. O segundo momento era um pouco mais demorado e talvez o de maior interação com o salão e com suas dimensões. Logo quando acordavam, as crianças se levantavam de suas carteiras e trocavam de lugar, sempre para um lugar muito afastado do de início. Dessa maneira, nenhuma criança vizinha era a mesma do dia anterior, cada dia sendo único e independente. Ninguém sabia por que isso acontecia, não que importasse. Simplesmente as crianças sabiam que não poderiam ficar no mesmo lugar, porque outra obviamente iria ocupá-lo, e, como ele não a pertencia, não havia porque se importar.

O Sr. Stigueto não se importava com o pagamento das crianças. Elas não exigiam pagamento, nem sequer sabiam se o trabalho delas rendia dinheiro, se os desenvolvedores eram pagos, se a Nuvem era paga, nada disso importava. Apenas uma forma de pagamento era necessária. As crianças eram pagas com um sorriso,

dado por outra criança. Quando uma delas terminava de testar um aplicativo, se voltava para a criança ao seu lado, e essa, por instinto, retribuía-lhe com um sorriso automático e sincero, de no máximo três segundos, tão intenso quanto a luz da tela dos celulares, talvez capaz de iluminar um pouco mais a escuridão que as circuncidava, um sorriso momentâneo e profundamente demorado.

Quem eram aquelas crianças? Qual seu passado, seu futuro, suas felicidades e tristezas, suas vontades, suas vergonhas? Ninguém sabia ao certo, nem mesmo elas faziam questão disso. Cada dia na empresa do Sr. Stigueto era único, singular, pairando no espaço-tempo sem relevância para o futuro e sem interesse no passado. *Carpe Diem*. O dia presente como única existência, o trabalho como única realidade, cada segundo independente e finito, cada sorriso intenso e esquecido. Não havia tempo nem espaço, e mesmo assim tempo e espaço eram mensurados. As crianças juntas formavam uma grande massa estatística e indistinta, da mesma forma que cada criança era única e sozinha em seu mundo particular e insulado.

De todas as crianças da empresa do Sr. Stigueto, nenhuma era relevante para ser examinada mais de perto, observada com atenção, conhecida. Para uma pessoa sensata, vendo a grande centopeia humana trabalhando metodicamente, apenas alguns minutos eram suficientes para presumir todas as regras da empresa, e logo perder o interesse em suas particularidades. "Que particularidades?", alguém poderia perguntar. E com razão! Visões

superficiais em sistemas superficiais levam sempre à mesma conclusão: nada de importante ocorre no particular de um todo homogêneo. Entretanto, uma pessoa mais insensata, que geralmente espera essência na trivialidade, perceberia algumas coisas invisíveis que afloram apenas na mente atenta. Veria que algumas crianças sorriam mais tempo para umas do que para outras. Veria que havia dias em que, ao estar ao lado de alguém específico, uma criança testava muito mais aplicativos, apenas para apreciar o sorriso da outra. Veria ainda que algumas sorriam mais demorada e intensamente, e outras menos, embora a sinceridade fosse a mesma. Perceberia, enfim, que a única coisa que se alterava no comportamento das crianças era no momento em que sorriam umas às outras, como se fosse uma forma de comunicação, a única forma de comunicação. No sorriso, as crianças eram únicas.

Nenhuma criança tinha nome. Entretanto, nós podemos nomeá-las ao nosso bel-prazer, já que ninguém fizera isso antes. Nomeando-as e unificando-as, percebemos que histórias poderiam se desenrolar mesmo naquela rotineira disciplina. Histórias descobertas ou inventadas, não importa.

Nomeando-as fazemos com que, enfim, por apenas um momento na vida, as crianças se sobressaiam da grande massa homogênea.

Platão era apenas mais um garoto da empresa do Sr. Stigueto. Com seus olhos escuros, quase irreconhecíveis na escuridão do salão, seus cabelos bagunçados sobre a cabeça e exacerbadamente grandes e seus dedos finos e compridos,

perfeitos para qualquer aplicativo que viesse a aparecer na sua frente. O garoto não era distinto da grande massa de garotos de olhos negros e cabelos compridos. Às vezes era até difícil acompanhar sua habitual mudança de lugar. Era fácil perdê-lo no meio de tantos garotos. Mas não iremos. Gravaremos Platão na memória para que dessa história possamos fazer proveito.

Em sua normalidade excessiva, Platão não esperava o que poderia acontecer na sua vida, e muito menos as decisões que poderia tomar. Fora, então, ao terminar de testar um aplicativo aleatório que realmente não importava, que Platão se virou para a pessoa ao seu lado e recebeu seu tão merecido pagamento. Era o primeiro aplicativo do dia, e como todos os outros dias, a criança ao seu lado era uma total incógnita. Não lhe importava quem era, tanto que tivesse o mesmo sorriso sincero e automático que todas as outras crianças tinham e que o fazia extasiar e se orgulhar do serviço. Mas, naquele dia em especial, estranhou muito o que aconteceu. Virou-se para a criança e se deparou com uma menina com imensos cabelos loiros e cacheados, cobrindo quase todo o seu campo de visão, olhos estranhamente dilatados e escuros como o dele e um sorriso que Platão não sabia explicar, era diferente de tudo que vira.

A menina ficou sete segundos sorrindo para Platão, um tempo que lhe parecia uma eternidade. Sete segundos! Sendo que cada segundo durava mil anos. Sete mil anos de sorrisos. Toda a história da humanidade impressa em alguns dentes graciosamente brancos e intensamente luminosos. Não só os dentes sorriam, mas

os olhos dela também sorriam, suas sobrancelhas sorriam, e até mesmo as veias que atravessavam seu pescoço sorriam. E algo que nunca ocorrera na empresa do sr. Stigueto de repente aconteceu. Platão sorriu de volta para a menina. Gratuitamente, sem a menina realmente merecer, sem ter completado o teste de um aplicativo. Platão era, enfim, diferente.

"Quem era aquela menina?", Platão se perguntou ao longo de todo aquele dia. Terminava os aplicativos de uma maneira absurdamente rápida, só para rever aquele sorriso. E revia, durante os mesmos sete segundos eternos, toda a vez com a mesma intensidade e disposição. E sorria de volta, contrariando todas as expectativas das outras crianças. Não que qualquer outra criança se importasse com aquela cena, eram totalmente ignorantes ao que acontecia com Platão e a menina. Mas os dois, que sabiam agora mais do que qualquer criança jamais soube, eram singulares na união de suas almas.

Mas o dia logo chegou ao seu fim, e com ele a certeza premente de que não voltaria a ver aquele sorriso enquanto trabalhasse na empresa. Quando dormiu, seus sonhos transpassaram aquele sorriso de maneiras que sua imaginação sozinha não era capaz, até então, de produzir. Viu aquele sorriso sendo gravado em paredes de caverna por humanoides que pareciam macacos; o mesmo sorriso sendo propagado em poemas por homens no meio de praças abertas; pintado em paredes de imensas catedrais; escrito em livros ao redor da prateleira de uma grande biblioteca; pichado em uma parede branca de um prédio

qualquer. O sorriso também apareceu na natureza, gravado em uma árvore, adquirindo a forma da água, do fogo, até das minúsculas partículas do átomo. E no momento em que estava prestes a acordar, voltar ao trabalho e ao desaparecimento daquele sorriso para sempre, pôde ver uma palavra gravada numa tábua que um homem erguia na multidão: "Sofia".

Ao acordar de seu sonho estranho, Platão percebeu que todas as outras crianças ainda estavam adormecidas. Quanto tempo passaria até que acordassem e ele tivesse que trocar de lugar e se distanciar daquele sorriso único? Fez um tremendo esforço para conseguir olhar para o lado. Geralmente só fazia isso quando ia receber seu merecido pagamento de sorriso. Mas, naquele momento, não merecia nada vindo daquela menina e mesmo assim ousou olhar para ela. Viu a garota adormecida em seus grandes cabelos loiros e percebeu enfim que eram dourados, brilhantes, tanto quanto seu sorriso. Platão pensou então em algo que nunca lhe havia ocorrido na vida e que até então parecia impossível de ser feito. Ele seguiria a menina de cabelos dourados pelo salão, para se sentar ao seu lado novamente e poder passar um dia a mais em sua presença. E assim fez. Quando as crianças acordaram e se puseram a andar pelo salão à procura de outra carteira, Platão, sorrateiramente e tentando fingir que nada fazia de diferente, seguiu a menina Sofia ao longo das fileiras, erguendo a cabeça para não perder de vista os cabelos que eram como um farol. Conseguiu enfim se sentar ao seu lado novamente.

Pela primeira vez em sua vida, aquele dia fora exatamente igual ao dia anterior. Platão trabalhou com grande ânimo e fervor, para terminar de testar os aplicativos na maior rapidez possível e apreciar o sorriso que lhe atormentava o sono. E sorria de volta, um sorriso que não era automático, mas espontâneo. Ao longo do dia, Platão percebeu que a menina nunca se virava para a outra criança ao seu lado, esperando sorrisos. Não, Sofia nem sequer testava os aplicativos. Ela observava o aparelho à sua frente com olhar de indagação, às vezes chegava a se divertir com a claridade que emanava da tela, mas nem sequer tocava seus dedos no celular. Platão estranhou demasiadamente aquele comportamento, mais do que estranhou o comportamento que ele mesmo repetia como uma infração: Olhava a criança constantemente sem ter terminado um aplicativo.

Será que aquele sorriso lhe seria suficiente para o resto dos dias? Será que teria sempre os mesmos dias se conseguisse todas as manhãs sentar ao seu lado? Será que um dia cansaria daquela rotina de apreciar o longo sorriso de sete segundos e voltaria à monótona vida de sorrisos automáticos e sinceros, que durariam três segundos, o que agora, depois dessa nova realidade, parecia estranhamente sem graça e incapaz de satisfazer seus anseios? Será que aquela nova sensação duraria para sempre ou será que se esvairia tão logo a imagem de Sofia sumisse de seu campo de visão? Dias sem fim passaram nessa nova realidade. Poderia ter sido anos, milênios, ou apenas uma semana. Cada dia, entretanto, era singular e não se somava ao anterior. A realidade era a mesma,

mas a sensação que transpassava o sorriso de Sofia e tocava o coração de Platão nunca era igual.

Porém, um dia, como qualquer outro que já estava destinado a chegar, Sofia desapareceu. Platão acordou alguns minutos antes das demais crianças, como sempre fizera desde que conheceu a garota e, olhando para o lado, não encontrou seus cabelos dourados. Havia no lugar um outro menino, de iguais olhos negros e cabelos compridos, como os de Platão, uma cópia barata de sua fisionomia em um espelho. Grotesca era a imagem que agora se formava, o delinear dos traços do usurpador, o celular que em sua frente pairava no ar, seu respirar afogado e ansioso. Platão queria matá-lo, esmagar seus dentes, degolar seu pescoço. Não importavam mais os sorrisos que recebesse, os aplicativos que terminasse, a comida que apreciasse ou o lugar em que sentasse. O dia presente era sempre deplorável em comparação com os dias de outrora, quando o sorriso de Sofia lhe aquecia o coração. O usurpador estava destinado a morrer tal como o dia destinado a acabar.

Aqueles pensamentos seguiam Platão por onde ia. Não testara nenhum aplicativo, sequer segurara com seus imensos dedos longos o objeto que pairava no ar. Seguira o usurpador da mesma maneira que seguia Sofia pelo salão, mas dessa vez não para apreciar seu sorriso, mas para amaldiçoá-lo em pensamento. E, sentado ao seu lado, sem olhá-lo, apenas sentindo sua presença e seu respirar, Platão pensava seriamente em matar o inimigo.

Fora durante o almoço que Platão tomou coragem. Aproximou-se dele enquanto pegavam a comida e perguntou, ou em pensamento ou com a voz, não sabia ao certo, nunca havia usado nenhuma das duas formas de comunicação: "Onde está Sofia?". As crianças ao redor fugiram do som, correndo para pegar seus alimentos e voltaram para os lugares numa velocidade fora do comum. A comunicação que ecoava pelo salão era como veneno na veia, ardia e dilacerava todos os ouvidos que conseguisse alcançar. Mas o interlocutor não reagiu da mesma maneira à pergunta. Fitou Platão por longos sete segundos, sem sorriso nem espontaneidade, apenas um olhar profundo e examinador. Enfim respondeu: "Você a devorou!"

Voltando ao lugar, Platão meditou aquelas palavras ao longo de todo o dia. Não precisava se esforçar para voltar à sua rotina original, sabia que não conseguiria fazer nada enquanto estivesse com aquele pensamento esmagador em sua mente. "Você a devorou!". Uma adaga perfurava seu peito e corroía todos os seus órgãos. Uma sensação gélida, paralisante, recobria seu corpo. Havia sido ele o culpado do desaparecimento da menina? Ele que não sonhara suficientemente com seu olhar, que não correspondera com a mesma intensidade ao seu sorriso, ou que não fizera mais por merecer o prazer que havia se acostumado a receber? Aquelas perguntas objetivas e existenciais salpicavam em sua mente, sem que precisasse fazer esforço para formulá-las. Estava à mercê dos questionamentos da vida, e isso o machucava.

Veio-lhe, então, uma ideia que até aquele momento pairava em seus pensamentos, mas que não havia ainda criado forma. Com um movimento brusco, Platão se levantou da carteira. Num primeiro momento, nenhuma criança se voltou para ele, continuavam a trabalhar como se nada tivesse acontecido. Mas o garoto percebeu que suor escorria pelo rosto delas, que algumas tremiam no lugar, como se tivessem sido apossadas de uma dor muito intensa. Começou a andar pelo salão e ouviu crianças choramingando, algumas gemendo de dor, outras mordiam os lábios para evitar gritar. Aquela dor que ele produzia era, de uma certa maneira, até reconfortante, embora temesse uma rebelião que culminasse em sua morte.

Começou então a subir as escadas que levavam à sala do sr. Stigueto. Por que estava fazendo aquilo, não sabia ao certo. Talvez uma medida desesperada que só quem tinha a alma inquieta poderia realizar. Estava determinado a fazer ao patrão a pergunta que fizera ao outro garoto, e que lhe rendeu uma resposta inesperada. Queria saber onde estava Sofia.

Chegou ao andar de cima. Seus dedos longos tremiam e sua respiração havia perdido o compasso. Segurou levemente a maçaneta e abriu a porta. Para sua surpresa e assombro, Platão não encontrou nada ali. Não havia nenhum vestígio de que alguém um dia estivera ali. Não havia mesas nem cadeiras, nem computadores ou celulares, nem sequer armários ou papéis. A sala era totalmente vazia, com a imensa janela de vidro que possibilitava que fossem vistas as crianças trabalhando. Mas ninguém ali as via. Ninguém

fiscalizava seu trabalho, ninguém dava as ordens. Uma dor aguda e profunda atingiu o ínfimo ponto de seu ser: Qual era o sentido de seu trabalho?

Platão desceu correndo as escadas, com as pernas escolhendo o próprio destino e sem pedir permissão à mente. Esbarrou na mesa da comida e soltou um grito de dor, mas não parou a missão que suas pernas haviam decidido cumprir. Acompanhado pelos urros de dor que as crianças emitiam enquanto trabalhavam numa ferocidade e rapidez nunca vista, Platão se aproximou do portão e abriu-o.

Num primeiro momento, uma claridade sem precedentes atingiu todo o salão. A luz dos celulares não parecia mais tão intensa, a escuridão se dissipava pouco a pouco pelas paredes, fugindo dos jatos de vida que entravam pelo portal. As crianças pararam imediatamente o que faziam, seja sorrir ou testar os aplicativos, e olharam maravilhadas a paisagem que se formava lá fora. Era todo o mundo, todas as colinas e montanhas, todos os vales e planícies, todos os lagos e mares, e cada ser vivo que habitava o planeta apareceu no campo de visão, com ânsia de ser visto. E em cada lugar, cada montanha ou colina, cada vale ou planície, cada lago ou mar, brincando com cada criatura móvel ou imóvel que estava na paisagem, Platão reconheceu Sofia, a imensa menina de olhos negros e cabelos dourados que ele havia devorado. Sim, havia devorado. Porque não teria conseguido fazer o que tinha feito se não tivesse devorado cada ínfima parte daquele sorriso, meditado sobre cada mecha dos cabelos dourados,

avaliado com exaustão cada cena de seus sonhos. Platão estava se livrando pouco a pouco das correntes que outrora aceitara de bom grado. E as crianças, admiradas com a cena que assistiam, pareciam por um momento abandonar a falsa luz que emanava de seus aparelhos. Falsa luz que agora era indistinta do resto da escuridão.

Platão pôs-se então a dançar como nunca dançara antes, num ritmo que não conhecia e acompanhado de uma música que não se ouvia, como os três jovens que dançaram sobre o fogo extasiados com a presença de Deus. Platão esperava que as crianças se levantassem e dançassem com ele, formassem a ciranda que ele agora estava prestes a formar, e corressem com ele pelas colinas e montanhas, pelos vales e planícies, nadassem pelos lagos e mares, e aproveitassem cada ínfima parte do mundo que agora eclodia em seus olhos.

Mas para sua surpresa e decepção, alguns minutos depois da abertura do portão, o olhar de assombro e admiração foi desaparecendo das crianças. Elas voltaram, pouco a pouco, ao trabalho metódico e esperado de testar os aplicativos dos celulares. A escuridão retornou ao rosto de todos, como se nada tivesse acontecido, como se em nenhum momento sua atenção tivesse sido esvaída para um espetáculo como aquele que era visível além do portão.

A normalidade retornou ao salão da empresa do Sr. Stigueto, uma normalidade diferente, forçada, quase como zombaria. E Platão, o menino que conhecera Sofia, estava finalmente morto. Morto porque era único, morto porque não

tinha sorrisos, morto porque conhecia algo que ninguém mais sabia, e que, voluntariamente, as crianças ignoravam.

Platão morrera quando nadou nos lagos e mares, quando subiu as colinas e montanhas, quando se jogou nas planícies e vales. Platão estava morto porque era diferente, e não há vida na diferença. Numa visão superficial de um sistema superficial, Platão não existia.

Retornando para dentro da escuridão da empresa, a tristeza de Platão era comparada à tristeza de todas as pessoas que já existiram. Era a tristeza da alma, a tristeza da constante incerteza, a tristeza do conhecimento. A sabedoria, sua grande amiga, que devorara enquanto apreciava seus olhos, continuava lá fora, além dos portões, feliz porque era livre e podia aproveitar a verdade do mundo e do pensamento. Platão podia correr para ela, viver com ela, mas escolheu voltar. Voltou porque a monótona ignorância era mais confortável, porque a rotina encontrada na tecnologia era previsível e sem surpresas, era aconchegante. Porque os sorrisos que recebia das outras crianças, embora infinitamente menos luminosos do que os sorrisos que pudesse encontrar lá fora, faziam-no pertencer ao mundo. *Carpe Diem*. Sentou-se na frente do seu celular e voltou ao trabalho. Não mais rápido nem menos rápido do que antes. A mesma velocidade. A mesma intensidade. Os mesmos sorrisos. Para o resto da sua vida, Platão diluiu-se entre as crianças e hoje em dia não é mais possível distingui-lo no meio dos demais.

Outras crianças surgiram, conheceram a infinita beleza da menina, a devoraram, a quiseram conquistar, mas morreram como Platão morreu. E a solidão superficial não existia mais. Todavia, a solidão verdadeira, profunda, latente, invisível na homogeneidade, sempre existirá. Existirá porque ela não é saciada, existirá porque ela é necessária, existirá porque dela é feita a vida. E sempre existirá para tirar outras crianças do fel e fazê-las conhecer o conhecimento do mundo, sua imensa beleza e sua profunda angústia.

Começo de temporada

Rita Soffiatti

Quando penso em minha vida até hoje, percebo que grande parte de quem sou foi construída durante a infância. É uma época mágica, cheia de momentos idílicos, verões cheios de laranjais, livros e amigos. Mas o que os adultos tendem a esquecer é o horror. Quando crescemos, tudo que antes era assustador e trágico parece banal e facilmente explicável. Naturalmente, olho para muitas das coisas que me pareciam sobrenaturais — como o ato do desaparecimento das moedas por detrás das orelhas que meu pai realizava — com a compreensão do que elas são na realidade: dissimulação, truques de fumaça e espelhos. Há, porém, uma memória que ultrapassa todas as minhas outras memórias da infância. Algo pelo que não consigo culpar minha mente impressionável nem as sombras traiçoeiras do crepúsculo. Eu me lembro do parque, quieto e enorme como um elefante baleado. E temo.

Creio que, até aquele verão, minha infância em nada diferiu daquela que a maioria das crianças de cidadezinhas do interior teve na década de 1970. Brincadeiras de bola e peão após a escola, escalar árvores... Uma existência que pode ser considerada terna se comparada com a que as crianças de hoje em dia, com seus computadores e *videogames*, parecem levar.

Todo verão, logo após o início das férias escolares, um circo chegava à cidade. Era a mesma droga de circo todo ano, mas ele só ficaria durante uma quinzena e isso tornava tudo imperdível. Mas daquela vez algo maior e melhor deixou todos agitados: em todo lugar só se falava do parque aquático, localizado na cidade vizinha, que finalmente abriria as portas depois de três anos de construção. Adultos e crianças estavam igualmente ansiosos para encarar a viagem de meia hora ate lá e ter a chance de ver aquela belezinha finalmente terminada. Essa excitação toda não era só para relaxar um pouco na piscina. Durante todo o período de construção, o parque ficara famoso nas imediações pelos acidentes frequentes: um dia um construtor perdia a mão, noutro, um perdia muito mais. E em cidadezinhas sonolentas e supersticiosas como a minha, isso gritava mais do que coincidência ou condições ruins de trabalho. Gritava maldição. É claro que, se você saísse por aí perguntando, ninguém diria que realmente acreditava nisso. Fantasmas agitando correntes? Por favor! Mas o jeito febril com que todos se referiam àquele parque aquático revelava a verdade:

eles estavam loucos pra ver por si mesmos. E, hoje admito, eu também estava.

A área em que o parque fora construído era enorme: segundo meu pai, o lugar era um antigo abatedouro de animais para consumo humano. Acho que esse era um dos motivos de o lugar conservar um ar pesado, uma espécie de ranço que parecia grudar na pele e cabelo depois de algumas horas nas imediações.

Parecia que toda a população local tinha escolhido ir no dia da inauguração. Uma faixa enorme, com "Começo de temporada!" escrito, estava pendurada no portal na entrada do parque. Um homem sorridente vestido de palhaço dava balões gratuitamente para todas as crianças (lembrei-me daquele filme com o palhaço assassino; aquele em que o palhaço não apenas residia na cidade, mas *era* a cidade). Minha irmãzinha, Carla, pegou dois com a desculpa de me dar um, mas não vi nem cheiro daquele balão durante o dia todo. Considerando os acontecimentos futuros, não creio que tê-lo em mãos teria feito alguma diferença.

— Luís! — Carla gritou, animada. — Olha aquilo! Olha só pr'aquilo!

Olha só mesmo. No limite oeste da propriedade, cercado por enormes pinheiros, estava o maior tobogã que existia. Bom, não teria como eu saber disso com certeza, mas deixe eu te dizer o que vi: anunciada como "nunca vista antes nessa parte do mundo"

estava uma estrutura preta, de 30 metros, inclinada a 50 graus. Eu não a descreveria exatamente assim quando criança, mas acho que você tem uma ideia do quanto aquela visão me surpreendeu. Sob o sol forte de junho, a estrutura preta conservava um ar agourento: era como uma carcaça de um animal que estava há tempos morto na estrada. Subitamente, decidi que não queria ter nada a ver com aqueles restos mortais. Mas essa impressão parecia ser totalmente particular. Carla e outras dezenas de crianças já corriam em direção ao tobogã, abrindo os braços e gritando de alegria.

Tive o cuidado de me manter longe daquela parte da fazenda por praticamente o dia todo. Minha irmã não fazia o mesmo. A fila era enorme, mas ela e seus amigos ficavam concentrados naquele tobogã, revezando-se para deslizar — *não, pra cair*; minha mente gritava. Mais uma hora e o parque iria fechar, o dia terminaria e tudo seria como antes. Mas não foi assim. Desnecessário dizer, pois dias agradáveis raramente voltam para nos assombrar após tantos anos. O fim da parte boa chegou até nós na forma do grito de Carla carregado pelo vento.

— Mãe, pai, olhem!

Ela se deitou na rampa, cruzando os braços sobre o peito e se preparando para deslizar, como o funcionário havia lhe ensinado. Meu estômago afundou. Algo horrível estava prestes a acontecer, eu sabia, soubera desde o momento em que vira aquela maldita carcaça.

Como uma bala, a gravidade a impulsionou. Se eu não tivesse ouvido sua voz, saberia sua identidade pela cascata de cabelos loiros, afinal, ela era a única a possuir cabelos como aqueles. Tão claros que chegavam a ser brancos.

E então, como se ele zombasse de mim e quisesse que eu visse a verdade, o tobogã mudou. Sobreposta à imagem de ferro, estava sua verdadeira forma. A estrutura não lembrava mais algo orgânico: essa era sua essência. Algo orgânico e terrível, escuro e deformado. Uma massa de maldade que olhava direto pra mim, desafiando e sorrindo, mais horrível do que qualquer coisa que eu jamais imaginei.

Um grito de pânico e horror morreu em minha garganta. Carla estava em queda livre e eu não podia emitir som algum.

Quando chegou ao *loop* fechado, todos já estavam aplaudindo. Fizeram isso o dia inteiro, cada descida seguida de aplausos, como se eles soubessem, mesmo que bem fundo em suas mentes, que alguém não sairia de lá. Uma vela pra espantar os mortos, diziam na minha cidade. Um aplauso pra apaziguar a carcaça.

Carla nunca saiu do outro lado.

Quando a tiraram, ao som dos gemidos da minha mãe, seu cabelo estava enrolado ao redor do pescoço quebrado. A causa da morte não foi definida. Mais tarde, todos diriam que ela deveria ter feito aquilo a si mesma, que a menina se assustou no meio da brincadeira, tentou parar de deslizar e acabou batendo a cabeça

contra a estrutura. Uma forma elaborada de dar sentido ao que não tinha nexo algum e reduzir toda aquela loucura ao corriqueiro. Até hoje sinto vontade de gritar quando alguém explica o que aconteceu desse jeito, e quando tenho essa vontade, me lembro de um grito que nunca saiu de dentro de mim, um grito que deveria ter sido dado quando olhei nos olhos fixos e sem vida da minha irmã.

Eles fecharam o parque. Depois de outras crianças terem morrido naquele tobogã durante o verão, não tiveram escolha.

As coisas nunca mais foram como antes. Não para mim, pelo menos. Meus pais se recuperaram rápido, eles ainda eram jovens e poderiam ter outra filha. Vieram mais duas irmãs, mas esquecer Carla não era tão fácil para mim como foi para os outros. Se ela tivesse morrido por causas naturais, tudo seria diferente. Mas eu não podia negar o que vi: aquela coisa era tudo, menos natural. Se há um mundo em que aquilo é natural, então não quero mais viver. Tal declaração pode parecer exageradamente melodramática e definitiva para você, mas eu sei o que eu vi. Sei o que eu vi mesmo quando tomo meus remédios durante a noite e duvido.

Nunca achei que passaria essa história adiante. Afinal, durante anos eu fingi nem ao menos me lembrar dela. Mas alguém precisa saber por que eu fiz o que eu estou prestes a fazer, e para

isso escolhi você. Quando revirarem os destroços e encontrarem meu corpo junto da carcaça — o fogo sempre purifica, não é? Purifica até coisas monstruosas que fingem ser de metal —, você saberá que aquilo não foi trabalho de um louco. Você saberá que fiz o que fiz porque a notícia que li hoje no jornal da manhã significou a volta de todas as mortes, e eu não posso deixar que tudo aquilo aconteça outra vez. Deus me ajude, eu não posso deixar que seja começo de temporada novamente!

O massacre dos zangões

Laisa R. do Couto

Muitos não sabem, mas, dentro de uma colmeia de abelhas, um universo completamente diferente cumpre-se, alheio às regras da convivência social instaurada pelos seres humanos. Uma abelha consegue transmitir uma mensagem para as outras companheiras apenas dançando, fazendo movimentos certeiros com o próprio corpo. Muitas vezes esses gestos não são necessários e elas conseguem compartilhar mensagens entre si de uma forma que se assemelha à telepatia. Elas dariam risadas de nossas mensagens de texto lacônicas? Ou de nossas tentativas frustradas de comunicação, nem tão eficazes? Talvez.

Lana pensava nisso enquanto divagava durante a aula de literatura russa. Ela deveria ter terminado *Anna Karenina* antes de ter entrado na sala. A universidade pedia que ela conhecesse Tolstói, mas sua cabeça estava em outro lugar. Precisamente na festa que aconteceria naquela mesma noite. Carla insistira que sua presença era imprescindível. Ela não poderia ir sozinha à casa em que o namorado morava com os amigos. Ele ficaria

completamente distraído com outros garotos, com os jogos que envolviam cerveja, não lhe daria a devida atenção e ela precisava de alguém com quem conversar. Conhecendo a amiga, Lana imaginava que, na realidade, Carla logo encontraria alguém com quem falar e quem ficaria sozinha era ela. Mas Carla tornara-se sua melhor amiga durante os últimos meses, ajudava-a a cozinhar e dava-lhe apoio quando sentia falta da família. Ela era a melhor amiga que a faculdade lhe trouxera. Tinha que lhe fazer companhia na festa. Ela era a sua abelha rainha; Lana era apenas uma operária voando o mais rápido possível rumo à satisfação de seus desejos.

Sem surpresa alguma, durante a festa, Carla reuniu mais uma dezena de abelhas operárias ao seu redor. Todos os olhares se voltavam para ela. Todos queriam olhar para o seu rosto de fada e saber qual era a sua opinião sobre as novas atitudes tomadas pelo reitor. Ela era da esquerda ou da direita? Acreditava em Deus? O que fazia para que sua pele brilhasse tanto? Lana genuinamente gostava de Carla, conseguia identificar uma doçura dentro de sua alma. Ela era, sim, uma grande amiga, todavia, o despejo melífluo e constante de bajulações que ela instigava era suave demais para o seu paladar. Acreditava que todos ali eram, na realidade, falsos.

"O séquito não tira um dia de folga. Em toda festa isso acontece e depois ela me diz que eu é que fico distraído com os meus amigos". Thomas chegara por trás de Lana e sussurrara essa frase em seu ouvido. Trazia uma bebida verde, estranha, e empurrava-a para ela, que se encolheu rapidamente, afastando-se

do namorado de Carla. Estava próximo demais. Esquecera-se da regra do espaço pessoal de cada indivíduo. Ela pegou a bebida das mãos do homem com um olhar desconfiado. Seus pais advertiram-na que aceitar bebida de estranhos é perigoso, mas, afinal, ele era o namorado de sua melhor amiga.

Um copo logo se tornou três. Absinto. Então era esse o gosto do absinto. Achou amargo e penoso engolir, admitia isso para si mesma, pelo menos. Mas agradecia pela forma como o álcool a fazia sentir. Leve, mais extrovertida, quase como se brilhasse tanto quanto Carla. Thomas a chamou para jogar algo com os seus amigos em um quarto, um lugar especial onde nem todos podiam entrar. Ela estava bêbada. O que acontecera há três segundos era apenas um borrão e já não conseguia conectar os pontos existentes a sua frente. Deixou-se levar, era mais fácil assim. Ele pegou sua mão delicadamente e prometeu que o jogo seria muito divertido. Ela nem sabia que havia um pequeno quarto dentro da cozinha quando ouviu a porta ser trancada atrás de si.

Os homens que moravam naquela casa eram jovens entre 18 e 25 anos. Todos eram brancos, altos, iguais. Vinham de famílias de classe média alta e estavam acostumados a ter privilégios sendo jogados no colo com tanta frequência que passaram a tratá-los como guardanapos. Usavam-nos sem nem perceber sua importância, não prestavam nenhuma atenção a eles e, depois, jogavam-nos no lixo, prontos para receber mais um quando precisassem. Acreditavam que havia mulheres com quem

podiam jogar e outras com quem poderiam se casar. Apoiavam a indústria pornográfica, o porte legal de armas de fogo e a vitória do Trump nas eleições. Viviam do ócio e aproveitavam-se de qualquer coisa vulnerável que aparecesse. Todos eram da mesma faculdade que Lana. Ela disse isso à polícia quando a interrogaram, mas nada aconteceu. Eram ricos, conseguiam se livrar de qualquer problema desprendendo um pouco de dinheiro. A lembrança vívida que tinha era a de ser jogada no meio de um quarto, cheio de homens, e de ver Thomas em cima dela com o zíper aberto e com o pênis fora da calça. A música estava tão alta que os outros participantes da festa não conseguiram ouvir os seus gritos. O resto foi violência e humilhação. Provavelmente desmaiou, acordou com o sangue escorrendo pela perna, sozinha, no pequeno quarto.

Depois da festa, não conseguia olhar para Carla com a cabeça erguida. Sentia culpa por mais que soubesse que não tinha feito nada errado, contudo, não conseguia esquecer o policial dizendo que ela não deveria ter bebido o que lhe ofereceram. No final, ela errara, de acordo com as palavras dele. Carla notava as olheiras profundas e a expressão amedrontada que a amiga fazia toda vez que ouvia um barulho fora da casa. Lana lhe contou o que acontecera quando ela implorou por uma explicação.

Muitos não sabem que as abelhas operárias servem à rainha mais por amor do que obrigação. Motivo pelo qual uma revolução ainda não ocorreu e elas não aderiram ao comunismo. Elas acreditam na rainha e na forma como ela protege toda a colmeia como uma grande mãe. Muitos não sabem que os zangões possuem a única função de reprodução e, enquanto a fecundação não ocorre, tudo o que eles são é um peso para o resto da colmeia. Alimentando-se do mel trazido pelas operárias, sujando os corredores e deixando para as outras limparem. Aproveitando todo o tempo fazendo o que eles fazem de melhor – nada. Um evento que também passa despercebido nos livros de biologia é o massacre dos zangões. Após perderam sua utilidade para a rainha, não há motivo para eles ficarem dentro da colmeia. O inverno está próximo e elas precisam do máximo de espaço e comida suficiente para sobreviverem. Uma mensagem é mandada como que por telepatia. Um pensamento invade a colmeia e, de maneira invisível, comunica a todas as operárias que o tempo dos zangões acabou. Elas finalmente podem parar de limpar a sujeira deixada por eles e já é permitido matá-los. Não há nenhum sobrevivente.

Os detetives sentiram-se surpresos quando ouviram a explicação oficial dada por Carla e Lana. Não sabiam que as abelhas faziam isso e não sabiam que garotas derramavam veneno na caixa d'água de uma república masculina como forma de vingança. Mas elas fazem. E a vingança foi completa, afinal. Todos os zangões morreram no início do inverno.

Viagem insólita

Tarso Zagato

Desesperado, Jerry entra a solavancos em uma tapera lúgubre e abandonada, esquecida em meio à floresta Great Valley. Em sua face amedrontada, o suor se mistura às lágrimas enquanto a confusão mental e a iminência da morte arrancam-lhe a racionalidade.

— Que merda é esta? Que merda é esta? — repete entre suspiros e soluços, imaginando estar sendo espreitado metro a metro pelo seu agressor oculto.

Jerry se recosta em uma porta feita de palha e bambu seco, deixando-se deslizar pela superfície suja e embolorada, reclinando-se ao chão e fechando-se entre os joelhos doloridos do exaustivo subterfúgio. Um choro contido permanece quase inaudível e realça a agonia do pobre diabo. Ele respira pouco, cadenciadamente. Repreende com força a ação natural do próprio diafragma, temendo ser ouvido e delatado. A respiração não obedece, segue descompassada e denuncia quilômetros de fuga alucinante em meio à floresta úmida e funesta. A mente assustada trabalha inquieta. Um simples ruído, o estalar da madeira retraída pelo frio, o rastejar de insetos repugnantes pelo chão infestado de fezes e

musgo, o som do assoalho pressionado pelos pés cansados e feridos, o silêncio que amofina. O mínimo barulho sugestionado pelo medo soa como mil trombetas ao pé do ouvido.

— Isto não pode estar acontecendo. Não pode estar acontecendo — ele repete, inundado em terror e descrença.

Há muito o sol abandonara o dia e, se ainda pensasse com clareza, acreditaria estar próximo da meia-noite. Naquele instante, foi visitado pela imagem iluminada da pequena Sarah, seu incalculável tesouro que se esquecera de beijar na manhã do seu último dia, seu precioso diamante de traços angelicais e o singular motivo de manter-se vivo. Odiou-se por não dar o devido valor às pequenas coisas que realmente importam. O chocolate quente ao pé da lareira, os beijos amorosos de sua linda Jane, o abraço reconfortante e apertado de sua razão de viver, os inegáveis pedidos para mais uma cantiga de ninar, o amor incondicional daquelas que o viam como o mais poderoso dos heróis, a alegria pura e fantástica do lar que tanto se esforçou para manter-se longe.

Arrancado de seu idílio mental pelo devastador e agonizante desespero, apreensão! Jerry ouve passos pesados, imediatamente delatados pelo ranger de galhos podres e sem vida. Ele sente um frio na espinha consumi-lo por inteiro. É uma lâmina que parece percorrer cada centímetro do seu corpo, extremidade a extremidade. E os passos continuam lá fora, cada vez mais próximos da alcova pútrida, ainda mais assustadores. O barulho cessa, mas o cheiro da morte exala forte. São elementos que

precedem o fim e mantêm o pobre espreitado imóvel, estático, incapaz, impossibilitado de agir.

A miscelânea de sons reais e imaginários dá lugar a um único: uma respiração pesada, tensa e sistematicamente pausada. Jerry sugestiona outra vez e acredita estar sentindo o bafo quente e fétido do maníaco transpassando a palhoça imunda e envolvendo todo o ar. *Ele está aqui! O maldito está aqui! Por que eu?* Pensa ele, aturdido pela possibilidade de morrer.

Um novo silêncio inquietante faz Jerry regredir no tempo em busca de explicações sensatas que lhe pudessem acalmar a alma e devolver-lhe a racionalidade. Esforçou-se como nunca fizera antes e, mesmo assim, retornou de sua regressão mental sem nada para lhe abrandar os nervos e, tampouco, com respostas aceitáveis que explicassem aquela situação.

Àquela altura, a quietude da cabana rivalizava com os longínquos e tímidos uivos provocados pelo vento estéril. Era como se a maldade pedisse passagem em um prenúncio maléfico de dor e terror. Em frente aos olhos graves e encharcados de Jerry, o cenário se completava com o vagaroso movimento de lesmas corpulentas e repugnantes em uma das paredes da choupana, na qual havia uma janela encerrada por pregos e madeira podre e úmida, desenhada por rastros de um muco viscoso e pútrido.

E assim seguiram-se horas e horas de aflição. Horas que não traziam a clareza do dia. Horas que não levavam para longe o pesadelo. Horas que não dissipavam o medo. O cansaço físico e mental estampava-se no corpo sujo e estilhaçado pela tensão e nos

vidrados olhos vermelhos acentuados por pupilas terrivelmente dilatadas.

Neste momento, com a surrealidade batendo literalmente à sua porta, Jerry se enche de derrota e, por alguns segundos, desiste, deixando-se infectar ainda mais pelo ambiente profano, indo ao chão como um boxeador nocauteado. Sabe que ainda está acordado, pois volta a divagar sobre aquele pedaço do inferno em que fora colocado, o cheiro de merda e podridão impregnado em suas narinas, a maldita besta que parecia brincar com ele antes de mortificar-lhe a alma e submetê-lo às mais lancinantes torturas e aflições. Sentia que não havia mais nada a fazer. Repousou a cabeça na superfície maculada e deixou que o ar, enfim, escapasse livre e descompassadamente de seus pulmões, trazendo-lhe certo alívio curto e passageiro.

Absorto no breve momento de falsa redenção, Jerry é recolocado em seu inferno pessoal ao retomar aos ouvidos a respiração sádica que ouvira horas antes. Apesar de aterrorizado, em nenhum momento pensou em abandonar seu frágil refúgio no meio do nada. Tinha certeza de que a morte o esperava do lado de fora, como nos filmes de terror em que, uma a uma, as personagens são estripadas das maneiras mais cruéis e inventivas possíveis.

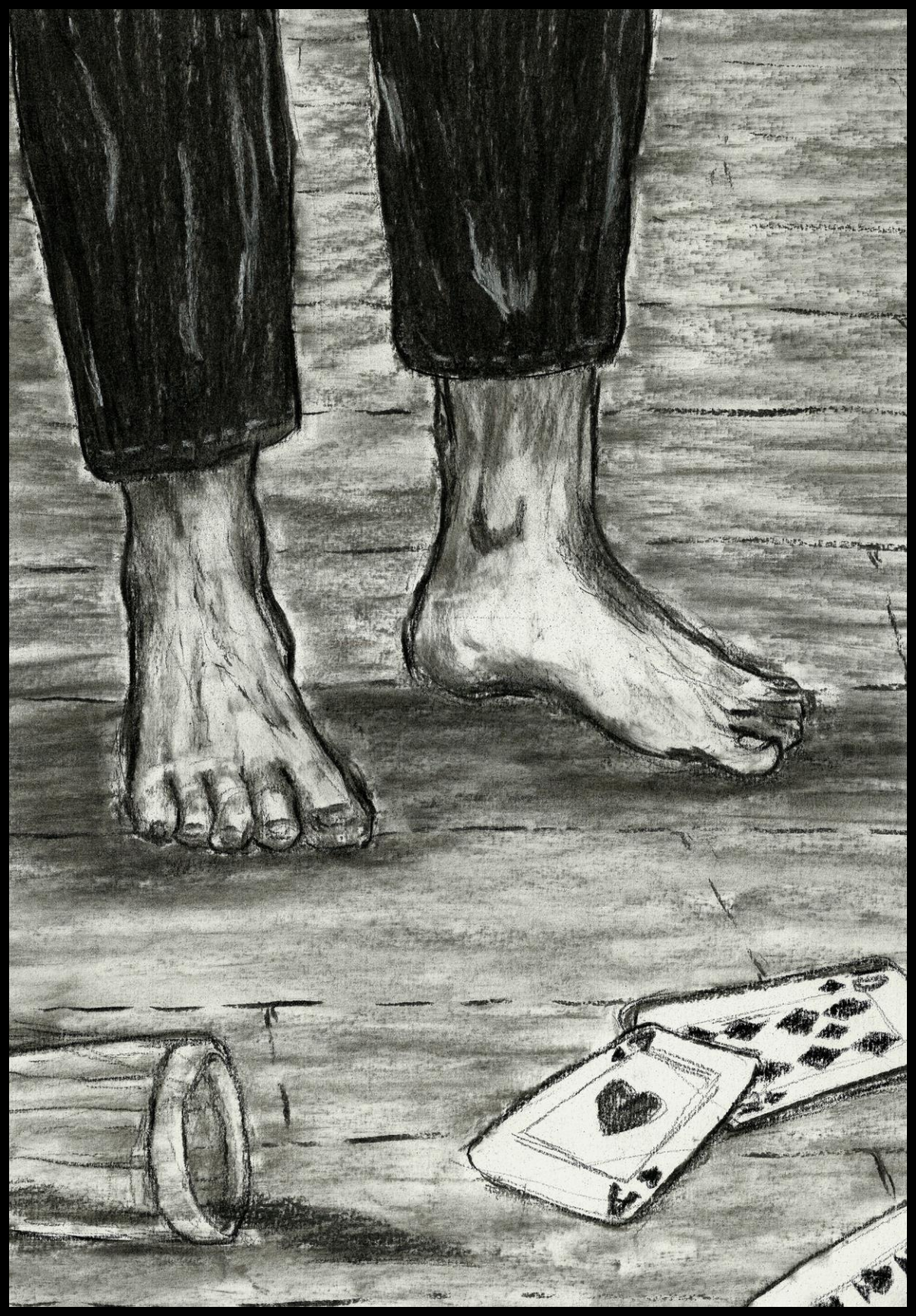
Presumivelmente vindo de pulmões enormes, o som pesado ganha ainda mais força. E se aproxima. Somam-se a ele passos também pesados. E se aproxima. Coloca-se à frente da porta em que Jerry está recostado, derrotado. E se aproxima.

Abaixa-se lentamente, como se pudesse observar o maldito diabo através da palhoça. E se aproxima. Agora, separados por poucos centímetros de matéria podre e úmida, o nefasto já consegue sentir a pulsação frenética de Jerry, que é acometido por dores lancinantes no peito. Prestes a apagar, mas ainda consciente, Jerry sente um estampido nos ouvidos que cessa todos os sons mundo, exceto a respiração que precede a morte. Uma, duas, três vezes. E não há nada mais, apenas uma frase que o faz acordar.

— Você não merece viver.

Como Renton de Welsh, Jerry renasce sobre uma maca fria e dura de hospital, cercado de paredes frias e brancas simetricamente adornadas por faixas beges, que lhes conferem ainda mais esterilidade e rijeza. E não é um dia perfeito como entoava a canção de Lou Reed no filme de Boyle! Está mais para uma cena triste de um filme dramático. Jane, com Sarah nos braços, acompanha tudo por uma janela de vidro do lado de fora, ambas chorosas e abatidas com mais uma recaída do marido-pai. Jerry assiste a tudo, impassível. Evidencia os inúmeros hematomas nos braços e dedos, consequências dos sucessivos abusos e violações contra o próprio corpo.

A equipe médica esgueira-se pela sala em socorro do corpo drogado que padece sobre a maca. Entre os equipamentos que o mantêm vivo, um reflete sua face pálida, cadavérica, sem vida. Jerry recobra a razão sobre tudo o que novamente causara. Naquele momento, desejou estar morto.



Suavium

Victor Santos

A Dona Morte chega ao bar. Ela é um homem de meia-idade, alto, a cabeça raspada, de olhos grandes, debaixo dos cílios espessos o brilho feroz das íris acinzentadas.

A Dona Morte se aproxima do balcão.

No balcão, Vitorio se distrai com uma pilha de cartas. Ele também é de meia-idade, inchado e vermelho, com uns poucos fios grisalhos surgindo na cabeça como erva daninha. Suas mãos ossudas alisam o papel cartão, o desenho do naipe de paus, a figura da rainha duplicada – preto, branco e vermelho.

Ele está na quarta cachaça. Dona Morte se senta ao seu lado e lhe lança de esguelha um olhar desafiador. Ela quer beijá-lo na boca. Vira-se, apanha o baralho languidamente das mãos do outro. Embaralha. Ela pergunta o que ele está bebendo e, antes que Vitorio possa responder, ordena ao velho do outro lado do balcão que lhe sirva mais duas doses.

Vitorio parece não perceber a intromissão. Descansa o olhar lacônico em sua própria figura refletida no fundo do copo e depois ergue os olhos para seu novo companheiro, que lhe sorri de forma atrevida. Aqueles olhos pesam toneladas.

O velho serve a bebida. Detalhe do fio transparente de líquido caindo no copo como se fosse uma fita de cetim, o ruído do copo sendo preenchido, o brilho do vidro e do álcool que se fundem sob a luz lúgubre das lâmpadas incandescentes.

Dona Morte vira sua dose toda de uma vez na boca. Pede mais duas. Depois da terceira rodada, seu rosto cora ligeiramente e seu sorriso se mostra mais fácil, ainda mais atrevido. Ela lambe as gotas de álcool dos lábios finos, mostrando os dentes pontiagudos.

Ela dá as cartas, é sempre ela que dá as cartas e escolhe o que vão jogar. Eles apostam. Vitorio rapidamente esgota seu dinheiro, mas ela deixa que ele pague de outra forma. Pede mais um drinque para ambos. Tudo por sua conta. O cheiro da cachaça quase o faz vomitar, seus olhos estão miúdos e lacrimosos. Mal pode segurar o copo entre os dedos. Vitorio rodopia por dentro, é a dançarina na caixa de música. O ronco de tripas é a melodia que ele faria se o abrissem.

Ela, aquele homem, é inesgotável. Ao seu lado**,** agrupam-se os copos vazios e seu montinho de notas amassadas e moedas. Vitorio não costuma perder nas cartas, mas hoje, ele pensou, era um dia excepcional.

Vitorio começa a fraquejar. Rapidamente se afrouxa o controle sobre seus braços e pescoço. Sua espinha se dobra com o peso do seu crânio de náufrago, e pela borda do copo meio cheio ele vê algo mais vasto e atordoante do que o oceano exaustivo dos dias úteis. Dona Morte lhe sorri de boca inteira, lambe os beiços.

Quer dar o bote, mas se controla, paciente. Ela pede a próxima cachaça, que engole com avidez mal o copo chega em sua mão. Agora, ela ri levianamente de um comentário ou outro que faz ao seu companheiro. Ele mal consegue escutá-la ou manter os olhos abertos. Arrisca beber aquelas últimas gotas no fundo do copo e ameaça enfrentar o outro cheio a sua frente. Hoje ele perdeu nas cartas, para a bebida e o controle.

O corpo vacila sem vergonha. Despenca do assento. Um corpo sem vontade que cai nos braços da Dona Morte, e ela lhe sorri, beija seu pescoço causando um arrepio guloso na pele.

As cartas de Vitorio se espalham pelo chão. Dama de paus, rei de espada, valente coringa. Sobra presa entre os dedos uma carta que ele esconde. Luta para manter os olhos bem abertos, mas não consegue.

Nos braços da Dona Morte ele não sente mais frio. O cheiro morno da pele do homem se mistura ao do tecido fino de suas roupas escuras. Dona Morte vai sempre a seus encontros vestida com esmero. Vitorio se envergonha de seu desleixo, a barba por fazer, o cheiro do seu suor rançoso e a camisa amarrotada. No entanto, isso não parece ser relevante. Dona Morte o segura como um objeto precioso. Leva-o dali nos braços, cantarolando com a boca colada em sua nuca; seguem pela rua de lampiões que desenham raios dourados no asfalto. Vitorio põe seus braços ao redor do pescoço dela. Com sussurros, ela lhe diz todos os segredos que ele sempre desejou conhecer.

Detalhe dos pés descalços de Dona Morte caminhando lentamente.

Chegam ao leito do rio que divide a cidadezinha em duas. Noite sem luar, as águas correm mais pretas do que o piche. Vitorio aos poucos percebe a correnteza fria lamber seus pés. Uma mão lhe segura a nuca, levantando seu rosto. Ele olha no fundo de um par de olhos faiscantes. Dona Morte o beija na boca; com a língua comprida separa os lábios e se enfia profundamente dentro dele. O corpo de Vitorio endurece, ele sente uma ereção se formar no meio das pernas. A morte lhe comendo a boca com avidez, ele suspirando com desejo sem poder se conter, entrega-se de todo para a língua que, como uma serpente, se enrosca dentro dele e o envenena com sua saliva cheia de álcool.

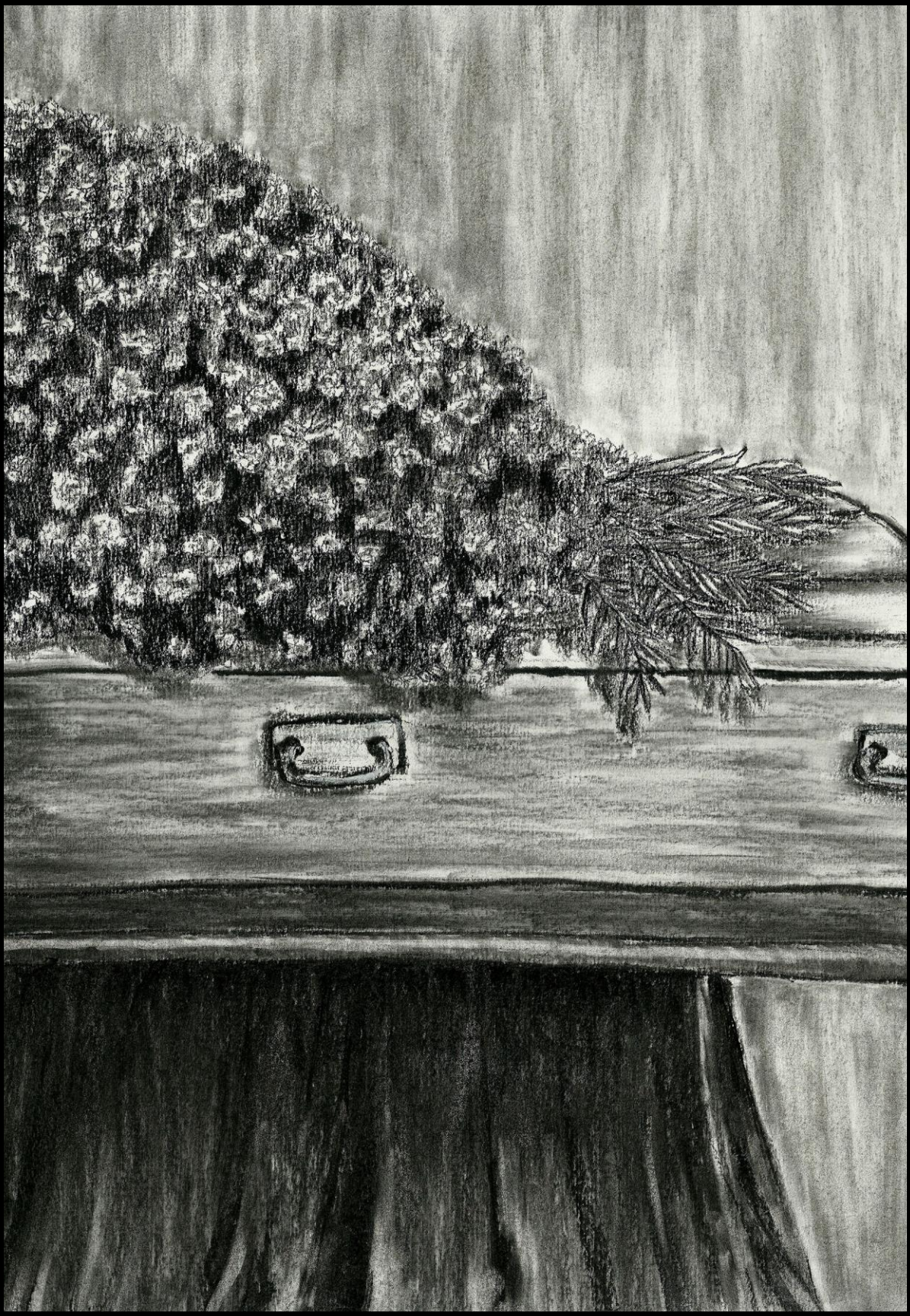
Dona Morte não permite ser beijada sem paixão. Ela faz do rio seu manto nupcial e Vitorio, amarrado na língua que o hipnotiza, não sabe mais dizer de onde veio. Ele se esquece de ver a vida passar diante dos seus olhos.

Não se pode beijar a morte sem o compromisso de ser eternamente seu amante. Ela é ciumenta, mas não tem importância. Para Vitorio, aquele abraço é como voltar para casa em tempo de noite escura e encontrar as luzes da varanda acesas.

Abre os olhos em tempo de ver a água se fechando sobre ele, mas estava negro demais para reconhecer as formas do mundo. Talvez vislumbrasse uma folha deixando o galho e rodopiando no ar. Lá embaixo, os protozoários de água doce

entoam cantigas de ninar vagamente familiares. É a voz de sua mãe que o chama? Dá uma última mordida naqueles lábios frios antes de desaparecer por completo.

Detalhe de bolhas de ar se formando na superfície. Uma folha seca flutua como um barco sobre a água.



Reflexões sem vida

Para o falecido

Giovanni Saluotto

É engraçado como a morte funciona. É engraçado como nos tornamos tão humildes e solidários perante ela. Eu venho em seu enterro mesmo não tendo falado contigo em meses. Nele, gasto todas as lágrimas que vinha guardando, assim como todas as economias, que usei para comprar grandes e lindas flores. Você nunca fará isso por mim.

Não que você nunca faria, não sabemos, mas agora você está morta. Sobre mortos eu não entendo muito. Um pouco de *Sandman*, um pouco de Brás Cubas. Mas posso palpitar que eles não são muito, digamos, ativos.

Mesmo tendo a certeza de que você não estará ao meu lado quando meu coração parar de bater eu estou aqui, e não é nenhum esforço para mim. Não é uma situação desconfortável, pois eu não estou discutindo com você sobre roupas, fatura do cartão de crédito, minha solidão. Posso ficar no que Mia Wallace chamaria de "silêncio confortável".

Eu faço tudo isso pensando em você? Ou em mim?

Eu venho até aqui e recebo olhares de familiares conhecidos que sabem da nossa história, que em qualquer outro momento iriam me julgar ou até mesmo me atacar, mas não hoje. Eu me sujeito a tudo isso para me fazer bem? É a única resposta plausível! Você está morta, não tenho por que fazer coisas para você. Ou eu estou tentando compensar o passado? Estou provocando um momento de catarse para eu simplesmente superar seu rosto, sua voz e todo o vazio que você deixou em mim?

Eu posso ser só um artista perdido, romântico, que se ilude sobre todo o universo, mas nunca irei te esquecer. Eu irei me forçar a continuar nessa paixão. Por quê?

Porque você merece e sempre mereceu. Não será muito fácil, afinal, você já não respira mais, mas eu tenho certeza de que irei encontrar um jeito.

Muito em um relacionamento gira em torno de relação de poder. Acho que ele inteiro, na verdade. Quem está com a faca e o queijo na mão agora? Quem exerce poder sobre o outro neste exato momento?

Acho que só com a morte nós nos livramos disso, essas condolências da vida mundana. Foda-se quem tem poder, o meu trabalho, eu mesmo. Nada mais importa. Eu estou no limbo eterno. Eu finalmente sou o que Nietzsche chamaria de Super-Homem!

Nada mais limita minha expansão. Cultura, religião, ética... Que vá tudo isso para o inferno. Posso descartar meu superego e

viver plenamente meu ego, minha essência. Sem dúvida alguma, a morte é a maior artista de todos os tempos. Engraçado como, apesar de ser você que está deitada imóvel dentro de um caixão, sou eu que me sinto sem vida.

Logo nos encontraremos. Amo você.

AUTORES E ILUSTRADORA

Andressa Fernandes tem 19 anos, estuda Licenciatura em Letras na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 2017. Nasceu no interior de São Paulo no município de Mogi-Guaçu. Filha de pai jardineiro e mãe empregada doméstica, sempre frequentou escola pública, lugar onde se apaixonou pelos livros por intermédio de professores inspiradores.

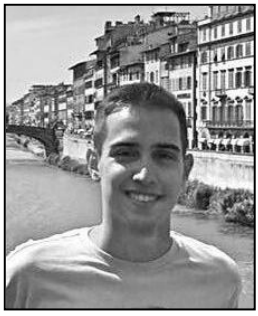
Diogo Rossi Ambiel Facini nasceu em 1991 na cidade de Campinas, onde ainda mora. É formado em Letras pela Unicamp, mestre em Linguística Aplicada e atualmente aluno do doutorado em Linguística Aplicada na mesma universidade. De modo geral, pesquisa temas relacionados ao cinema, principalmente o do Charles Chaplin. No que se lembra, escreve contos e tentativas de romance desde criança e poesia desde os quinze anos. Apesar de seu conto nesta antologia – ou talvez isso explique um pouco o estilo dele –, sua atividade de escrita na literatura se concentra bem mais nas poesias, com as quais já chegou a participar de alguns concursos e antologias.

Foto: Poliana Gonzalez

Flávia Casarini Tomaz é graduanda em Letras, com pesquisa voltada na área de Linguística Aplicada, investigando como se dá o ensino de literatura nas escolas. Trabalha como professora de inglês e como revisora de textos. Apaixonada pelas palavras, escreve desde muito cedo e gerencia a página *Encontros, Desencontros e Reencontros* no Facebook, onde publica seus contos.

Giovanni Saluotto é paulistano, piracicabano e campineiro, de vinte anos, estudante de Midialogia na Universidade Estadual de Campinas. Sempre o ensinaram que as pessoas importam, por isso desenvolveu grande apreço pela arte, o lugar de encontro entre indivíduos, de partilha. Consegue enxergar isto na fotografia, ouvir na música e em *podcasts*, e também lendo qualquer conjunto de palavras. Mas, no fim, gosta mesmo é de cinema.

Laisa Ribeiro é graduanda em Estudos Literários na Unicamp. Estuda a opressão sofrida pela mulher no capitalismo, o horror no cinema e ficção científica feminista. Tem um conto publicado na revista *Gueto*, "Furto famélico", em uma edição temática sobre direitos humanos e minorias. Publicou, na antologia *2084: Mundos Cyberpunks*, da Lendari, o conto "Cyberagreste". É colaboradora da página *TODAS Fridas*. Trabalha como revisora de textos e produtora de conteúdo para sites.



Lucas Visquetto de Toledo nasceu no dia 06 de janeiro de 1999, em Ribeirão Preto (SP). Ingressou no curso de Estudos Literários na Unicamp em 2018 e vive atualmente em Campinas (SP). Além de ser um escritor iniciante, já foi de forma diletante ator e músico. Escreveu alguns contos e poemas ainda não publicados e possui alguns projetos de romances. Suas principais influências literárias são Fiódor Dostoievski, Fernando Pessoa e Clarice Lispector.

Rafael Vergílio é estudante de Biologia pela Unicamp. Originário de Jundiaí-SP, Rafael sempre teve um apreço por literatura e filosofia, mas escolheu a faculdade de biologia por conta de sua paixão pela vida e pela luta por sua preservação. Filho de um mecânico e uma dona de casa, Rafael escreve desde criança, sonhando em ser os escritores que tanto admira. Charles Dickens e Milan Kundera são suas maiores influências. "O mito da caverna moderna" é seu primeiro conto publicado.

Rayssa Deps Bolelli é macaqueira criada em Alegre e nascida em Cachoeiro de Itapemirim, terra de Rubem Braga, Roberto Carlos, Sérgio Sampaio e de outras grandes estrelas capixabas. É economista pela UFES, comunista, feminista, saxofonista e militante dos movimentos populares. Atualmente, faz mestrado em desenvolvimento econômico na Unicamp. Pra poder respirar, se embrenha também pelos caminhos artísticos da vida.

Rita de Cássia Fernandes Soffiatti sempre amou histórias, principalmente as assustadoras e fantásticas. Quando criança, percebeu que escrever histórias fazia com que seus sonhos ganhassem materialidade, e não parou de fazer isso desde então. A autora estuda Letras na Universidade Estadual de Campinas e já escreveu sete romances de fantasia, horror e ficção científica.

Paranaense de Guarapuava, **Tarso Zagato** é jornalista e professor de redação, com estudos em Semiótica e Linguística. Na comunicação, atuou como redator-editor na imprensa escrita e como assessor de imprensa no terceiro setor. Idealizou e produziu o jornal *Letra & Cultura*, versão tabloide de seu homônimo na web, ao qual se dedica desde 2011, período em que ingressou na docência. Atualmente, ministra aulas de redação para pré-vestibulandos, além de dedicar-se à produção de contos e crônicas.

Victor Santos nasceu em Americana, interior de São Paulo, em dezembro de 1993. Cursa Artes Visuais na Unicamp e, além de atuar como artista, escreve contos, poesias e roteiros.

Larissa dos Anjos é ilustradora, buscando em seu trabalho a interação entre diferentes tipos de técnicas e materiais. Explora tanto o bi quanto o tridimensional para contar histórias com seus monstros e personagens. É formada em Artes Visuais pela Unicamp e estudou História da Arte Francesa no Institut d'Études Politiques de Paris. Participou de exposições de alunos durante sua graduação e recentemente expôs no Paratissima Lisboa, um evento de arte pública, no qual apresentou uma instalação com três personagens de seu livro em desenvolvimento, promovendo a interação com o público e o espaço.

Contato: be.net/desanges | @umaraposaesuastintas

Sobre a TL224

TL 224 é um selo do Setor de Publicações do Instituto de Estudos de Linguagem, destinado a publicar monografias premiadas e textos literários produzidos pela comunidade da Unicamp. Toda a produção editorial é realizada por alunos dos cursos de Estudos Literários e Letras da Universidade Estadual de Campinas.

A equipe TL 224 agradece o apoio da direção do IEL, da coordenadora do curso de Estudos Literários, Daniela Birman, do supervisor do Setor de Publicações, Esmeraldo Santos, além do cuidadoso acompanhamento e auxílio da professora Márcia Abreu, da revisora da Editora Unicamp, Beatriz Marchesini, e da estagiária Larissa de Assumpção em todo o processo editorial.

Formato 16x23
Tipologia Garamond e Centaur
Corpo 12

224